

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Isabella Ferreira Souza

“Que me dizem vocês da ideia de um jornal humorístico nestas eras tristes e ameaçadoras?”: uma análise da revista D. Quixote durante a gripe espanhola em 1918

UBERLÂNDIA,
2024

Isabella Ferreira Souza

“Que me dizem vocês da ideia de um jornal humorístico nestas eras tristes e ameaçadoras?”: uma análise da revista D. Quixote durante a gripe espanhola em 1918

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Magalhães da Silveira.

**UBERLÂNDIA,
2024**

Isabella Ferreira Souza

“Que me dizem vocês da ideia de um jornal humorístico nestas eras tristes e ameaçadoras?”: uma análise da revista D. Quixote durante a gripe espanhola em 1918

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Magalhães da Silveira.

Uberlândia, 18 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Daniela Magalhães da Silveira

Prof.^a Dr.^a Ana Flávia Cernic Ramos

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Spini

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho e de toda a minha trajetória no curso de história só foi possível porque caminhei ao lado de pessoas que me apoiaram, cuidaram de mim, me amaram incansavelmente e principalmente: acreditaram em mim até mesmo em momentos que eu não acreditei. Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu cursar o curso dos meus sonhos, na universidade que tanto almejei durante minha vida. Agradeço a Ele pelos recursos e por ter me fortalecido dia após dia. A trajetória foi intensa, com diversas dificuldades, mas Deus permitiu que eu chegasse até aqui.

Em especial, agradeço e homenageio minha mãe, Grazielle Ferreira de Souza. Minha mãe foi a responsável por plantar a sementinha da leitura em meu coração. Ela acreditou que a educação mudaria nossas vidas. Mas principalmente, ela acreditou em mim. Mamãe, agradeço por todos os sacrifícios para me manter na faculdade e para que eu continuasse acreditando nos meus sonhos. Eu te amo sempre e para sempre!

Agradeço também ao meu pai Emerson, ao meu irmão Gabriel Lucas e a minha avó Marly, que por diversas vezes me lembraram que a vida vai muito além dos textos acadêmicos. Obrigada por terem me lembrado que eu também precisava espalhar e ficar em paz durante o processo. Vocês foram um alívio na minha alma, que por muitas vezes ficou aflita e preocupada.

Agradeço a toda a minha família de Uberlândia e Ituiutaba, que me acolheu tanto quando precisei fugir do caos acadêmico. Obrigada a Tia Anita, que me acolheu em sua casa para que eu pudesse morar em Uberlândia. Obrigada tia Flavia, tio Rodrigo e Davi, por estarem sempre de portas abertas para me receber e por todo o carinho comigo. Agradeço ao meu avô, que não entendia o porquê mudei de cidade, mas sempre me perguntava quando eu voltaria. Eu agradeço pelos breves momentos em que pudemos passar juntos antes de tê-lo perdido. Vô, você sempre estará no meu coração.

Ao meu querido e amado namorado, você foi um presente que sempre serei grata por ter conhecido durante a graduação! Agradeço porque você tornou tudo mais divertido, com suas piadas bobas e seu humor duvidoso. Agradeço porque você sempre esteve disposto a fazer o que fosse necessário para que esse processo fosse menos doloroso para mim. Agradeço especialmente porque você esteve comigo diariamente, nas alegrias e nas tristezas, mas juntos. Eu te amo amorzinho!

Durante esse processo, pude vivenciar grandes amizades. Anninha, Ryan, Vitor, Nathália, Bianca, Maju, Pedro, Ana Bê, Karol, Amanda, Bia, os colegas da turma 47, o grupo de estudos, a célula Atos 29... Não conseguirei citar todos aqui, mas sou muito grata por cada um que vivenciou este período comigo. Agradeço o carinho, o cuidado e as orações!

Neste sentido, agradeço, principalmente, as minhas amigas que estiveram lado a lado comigo durante a graduação. Naiara, você é a minha dupla, a pessoa que me estimulou a acreditar que no final as coisas dariam certo. Deu certo amiga, nós conseguimos! Anamaria, obrigada pela amizade cultivada, por cuidar de mim e pelos bolinhos de chocolate com canela. Te amo mil milhões, você sabe! Ana Beatriz, você foi uma surpresa boa! Obrigada pelo carinho e pelos incontáveis momentos falando sobre a Taylor Swift.

Também sou muito grata pela professora Daniela, que me orientou desde o terceiro período. A Dani foi responsável por me auxiliar em grande parte da minha formação acadêmica, por meio das disciplinas ministradas, do grupo de estudos e das inúmeras orientações durante as iniciações científicas e na monografia. Obrigada por não desistir de mim, Dani! Obrigada por me fazer gostar da pesquisa. Obrigada pelas correções quando necessário. Mas obrigada principalmente por me enxergar como pessoa, que estava sujeita a passar por diversas dificuldades durante o percurso. Meu carinho por você é imenso!

Ao Instituto de história, agradeço por cada professor que tive a oportunidade de conhecer nos últimos anos. Cada um, com suas peculiaridades, mas que me ensinaram sobre História e me fizeram amar minha profissão.

RESUMO

Esta monografia teve como objetivo principal a análise, por meio da revista ilustrada *Don Quixote* (1917-1926), sobre o cotidiano de seus trabalhadores durante a epidemia de Gripe Espanhola no Rio de Janeiro ocorrida em 1918. Procurou-se evidenciar os conflitos vivenciados pelos colaboradores do periódico, principalmente em relação a falta de estrutura governamental para enfrentar a calamidade. O estudo realizou parte de um levantamento de notícias publicadas pelo referido periódico, a fim de analisar os diversos pormenores de uma epidemia juntamente com os efeitos da ausência de políticas públicas eficazes. A pesquisa se comprometeu em levantar dados específicos sobre o dia a dia dos trabalhadores da *D. Quixote* e o trabalho do fundador e diretor do periódico, Manuel Bastos Tigre. A pesquisa também explora a influência da obra *Don Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, e do periódico *Don Quixote*, de Angelo Agostini, para a construção da revista e de sua principal característica: fazer rir em meio a tragédias. Outrossim, levando em consideração a formação em licenciatura, exploramos a pesquisa histórica em conjunto com o ensino de História.

PALAVRAS-CHAVE: Gripe espanhola; Imprensa; Revista *D. Quixote*; Epidemias; República.

ABSTRACT

The main objective of this monograph is to analyze, through the illustrated magazine *Don Quixote* (1917-1926), the daily lives of its workers during the Spanish Flu epidemic in Rio de Janeiro in 1918. The aim is to highlight the conflicts experienced by the magazine's employees, especially in relation to the lack of government structure to deal with a calamity. The study is based on a survey of news published by the aforementioned magazine, in order to analyze the various details of an epidemic together with the effects of the absence of effective public policies. The research was committed to collecting specific data on the daily lives of the workers of *Don Quixote* and the work of the magazine's founder and director, Manuel Bastos Tigre. The research also explores the influence of the book *Don Quixote de La Mancha*, by Miguel de Cervantes, and the newspaper *Don Quixote*, by Angelo Agostini, on the construction of the magazine and its main characteristic: making people laugh in the midst of tragedies. Moreover, taking into account the undergraduate training, we explore historical research in conjunction with the teaching of History.

KEYWORDS: Spanish flu; Press; *D. Quixote* Magazine; Epidemics; Republic.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: A epidemia de gripe espanhola nas páginas da <i>D. Quixote</i>	23
1.1 Introdução.....	23
1.2 A espanhola chega ao Brasil	24
1.3 “Mas, afinal, a influenza, em que pé vai ela?”	34
CAPÍTULO 2: Entre notícias horripilantes e conflitos: a vida carioca em colapso durante a gripe espanhola	39
2.1 Introdução.....	39
2.2 Conflitos entre trabalhadores e políticos	40
2.3 Economia: receitas para a cura da espanhola e a crise das galinhas	46
CAPÍTULO 3: A imprensa como fonte no ensino de História	53
3.1 O ofício do professor: dilemas entre o ensino e pesquisa	53
3.2 Plano de aula: “Continuidades e discontinuidades durante períodos epidêmicos no Brasil”	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
FONTES	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70

INTRODUÇÃO

“A árvore dos acontecimentos esteve repleta de assuntos. Para nós, leitor amigo, trabalhadores de imprensa, não há maior prazer do que haver uma semana cheia”¹, exclamou um colaborador da *D. Quixote*, em 1921. Os “homens das letras”, passaram a exercer funções como redatores, escritores e ilustradores em jornais e revistas. Naquele período, a imprensa estava em transformação por causa das inovações técnicas fruto da Revolução industrial e das práticas capitalistas e passava de uma atividade artesanal para uma atividade empresarial que crescia a cada dia com as publicações sobre os inúmeros acontecimentos do início do século XX². Neste sentido, o jornalismo passou a ser visto como uma fonte de renda viável para aqueles que queriam viver da escrita no Brasil, pois os jornais e revistas faziam parte do cotidiano da população letrada e não letrada, a partir de meados do século XIX, sendo responsáveis por noticiar, instruir e entreter o público.

Junto a essas mudanças, os homens das letras eram estimulados a escreverem cada vez mais para os jornais e revistas, ao mesmo tempo em que mantinham uma vida pública agitada, participando de diálogos em lugares como a Confeitaria Colombo, a Livraria Garnier, em clubes e teatros, na rua do Ouvidor e em outros espaços públicos. Percebe-se, então, que o meio social estava ligado à escrita, seja por meio de livros ou pelos periódicos, logo, segundo Novaes,

No início do século XX, os jornais abrem definitivamente as portas para os letrados. Verifica-se uma imprensa que serve à literatura e uma literatura que serve à imprensa. Um significativo número de folhetins e seções literárias preenche as páginas dos jornais e escritores como José Veríssimo, Ramalho Ortigão, Figueiredo Pimentel, Olavo Bilac, Artur Azevedo e João do Rio são cotados pelos veículos³.

Desse modo, foi por meio de pesquisas sobre a imprensa do século XX que me deparei com o objeto e fonte principal desta pesquisa, o periódico ilustrado *D. Quixote*, publicado semanalmente no Rio de Janeiro entre 1917 e 1926, levando em consideração que sua primeira edição ocorreu em 16 de maio de 1917, pela direção de “D. Xiquote”, assinatura usada pelo bibliotecário, engenheiro, jornalista e publicitário, Manuel Bastos Tigre (1882-1957). A revista caracterizou-se por seu humor e ironia, apresentando diversos gêneros em suas páginas, como

¹ *D. Quixote*, 21 de setembro de 1921, p. 16.

² SCHERER, M. (2017). “No Rio de Janeiro é raro o homem de letras que não é jornalista” – imprensa e literatura de mãos dadas na belle époque carioca. *Miscelânea: Revista De Literatura E Vida Social*, 8, 46–59. Recuperado de <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/647>. p. 2-6.

³ NOVAES, Aline da Silva. A imprensa na belle époque e a construção de um lugar de enunciação. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

ilustrações, crônicas, anúncios, poesias, sonetos, imagens, entre outros. Em meio aos diferentes temas por ela abordados, percebe-se seu compromisso com a sátira e a risibilidade, propostas pelo diretor desde a apresentação do periódico.

Ao aprofundar as análises, nota-se a intenção da revista, desde o primeiro número, em apresentar sua “identidade”, ou seja, os objetivos dos escritores e ilustradores mediante ao público. Em sua edição de estreia, foram publicadas informações a respeito da *D. Quixote* como endereço: *Officines e escriptorio* (interino) - rua D. Manoel, nº 30, localizada no centro do Rio de Janeiro; telefone: quatro-três-dois-sete – Central; valor das assinaturas e dos jornais avulsos. É significativo compreender que a revista oferecia assinaturas semestrais, anuais e poderia também ser vendida avulsa, no Rio de Janeiro e em outros estados, o que demonstra que desde a sua inauguração ela obteve um alcance considerável de vendas. Isso pode ser explicado pelo fato de a revista ter importante nomes de escritores e ilustradores como colaboradores. Sendo assim, as primeiras edições vieram com uma peculiaridade: o nome dessas pessoas em cada número, sendo eles divididos entre pena e lápis. Na primeira edição, compunham o periódico: pena - Emílio de Menezes, Humberto de Campos, Antonio Torres, Nicoláo Ciancio, Adolpho Paixão, André Dumanoir e Bastos Tigre; lápis - Julião, Raul, Calixto, Storni, Heitor, Madeira de Freitas, George Bluow, Banbino e Nery. Esses homens já possuíam reputação naquele período, por outros trabalhos realizados, e isso possivelmente pode ter alavancado a notoriedade da revista principalmente na capital federal.

É de suma importância destacar que o periódico surgiu em um período conturbado, quando as cidades brasileiras passavam por diversas transformações, visto que eram as primeiras décadas de um governo republicano, além de estarem passando por avanços técnico-científicos, na medicina e ciência, reforma urbana e projetos de estruturação da cidade. No Rio de Janeiro, as mudanças foram ainda mais evidentes, pois havia projetos para que a imagem da capital fosse “melhorada”, assim a cidade foi nos moldes parisienses, entretanto era feita de forma excludente, beneficiando apenas uma parte da população que ali vivia, enquanto as pessoas de baixa renda não desfrutavam dos privilégios da reforma urbana⁴. Essas transformações fizeram parte do período conceituado pela historiografia brasileira como *belle époque* e a *D. Quixote* faz parte dessa gama de revistas que, conforme explica Luiz Guilherme Sodré Teixeira, “as Revistas Ilustradas acompanham essa modernização nos ‘modos’ e

⁴ NOVAES, Aline da Silva. A imprensa na belle époque e a construção de um lugar de enunciação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. p. 2-3.

costumes da cidade, e adotam essa moda culta que se espalha na literatura, passando a apresentar um conteúdo mais ‘artístico’ e ‘literário’”⁵.

Além disso, a *D. Quixote* surge em um momento desgastante na história mundial, no qual a Grande Guerra (Primeira Guerra Mundial) estava ocorrendo desde 1914 na Europa. Esta guerra envolveu as grandes potências globais e afetou até os países que tiveram pouca participação no conflito, como foi o caso do Brasil. Isso porque a guerra influenciava diretamente na economia, visto que foram gastos uma grande quantidade de insumos, alimentos e armamentos para manter a conflagração. Aliás, este pode ter sido um dos fatores que contribuiu para a criação da revista, já que em seu primeiro número Bastos Tigre endereça uma nota nomeada “Aos colegas de imprensa”, no qual ele apresenta a *D. Quixote* como um “Jornal moderníssimo por excelência, surgindo na era da Grande Guerra, *D. Quixote* começa rompendo com as velhas praxes jornalísticas (...)”⁶, evidenciando que mesmo em um período de calamidade, a magazine não iria deixar de atualizar o público leitor dos acontecimentos mais recentes, prática que segundo ele, iria romper com velhos hábitos jornalísticos⁷.

Além disso, Bastos Tigre escreveu uma apresentação intitulada “Entrevista de D. QUIXOTE com os seus botões”⁸, desenvolvida para explicar os objetivos iniciais da revista. Assim, a *D. Quixote* se apresenta de fato aos leitores nesse texto, quando Bastos Tigre faz referência ao Dom Quixote de La Mancha⁹, visto que o personagem utiliza a palavra “botão” para representar seus pensamentos, ou seja, suas conversas consigo mesmo. O escritor destacou a importância de um jornal humorístico em meio a “eras tristes e ameaçadoras”¹⁰, afirmando que a *D. Quixote* teria um feitiço “moral, intelectual, político, literário...”, sendo eclética e tendo um pouco de tudo que estava acontecendo no período, já que não teria compromisso com apenas um nicho específico. Neste sentido, através dessa entrevista do diretor Bastos Tigre com ele mesmo, é possível analisarmos outros traços característicos desse magazine, por exemplo, o escritor por meio do texto demonstra seu compromisso em divertir os leitores, ao mesmo tempo em que garante trazer assuntos sérios em suas páginas, pois esse era o diferencial da *D. Quixote*. E de fato podemos encontrar diversos gêneros literários nas edições, sempre em forma de

⁵ TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. O Traço como Texto: a História da Charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2001. p. 27.

⁶ *D. Quixote*, 16 de maio de 1917, p. 3.

⁷ *D. Quixote*, 16 de maio de 1917, p. 3.

⁸ *D. Quixote*, 16 de maio de 1917, p. 3.

⁹ Dom Quixote de La Mancha é o personagem principal do livro de mesmo nome escrito pelo espanhol, romancista e dramaturgo, Miguel de Cervantes.

¹⁰ *D. Quixote*, 16 de maio de 1917, p. 3.

humor, mas não deixando de conter inúmeras críticas à sociedade do início do século XX. Desse modo, a “entrevista” é finalizada com o trecho abaixo, demonstrando a ironia e atributos que permeariam as edições seguintes:

D. Q. - Ainda não é nem perfeito, nem completo. No primeiro número, obrigaram D. Quixote a adiar seções importantes como a de Sport (*foot-ball*, remo e *turf*), a da vida dos clubs... *on l'on s'amuse*; a de vida das academias - isto dantes!...; a de Elegampsias... a de humorismo no meio comercial - Negócios... p'ra burra! e outras e outras mais!

B. - Não se podia dar tudo de uma vez.

D. Q. - De fato, meus amigos; pois se até páginas de anúncios tiverem de ser retiradas!

B. - É o cúmulo da prosperidade nascente. Um sucesso, então!

D. Q. - *Surely? Alea jacta est!* para falar bom português¹¹.

Outrossim, como descrito acima, Tigre finalizou a apresentação com um trocadilho “*Alea jacta est!* para falar bom português”, com uma oração em latim medieval, que significa “A sorte está lançada”, evidenciando novamente a ironia e o humor como característica marcante presente nas páginas da *D. Quixote*, que andaria junto ao caráter político exercido pela revista.

A revista, apesar de inovadora em seu conteúdo, sucede uma gama de outros periódicos que utilizaram das ilustrações, charges, caricaturas e humor para se posicionarem politicamente na sociedade. Depois dele, outros periódicos seguiram este mesmo caminho, que também contribuíram para os moldes do nosso objeto de análise, a *D. Quixote*.

Portanto, a maior inspiração da revista fundada por Bastos Tigre, sem dúvidas, é a revista *Don Quixote*, de 1895, obra de Angelo Agostini, após ter voltado ao Brasil, em momento de seu auge artístico, segundo Carlos Roberto da Costa¹², depois de ter passado seis anos na França¹³. Esse periódico modificou o cenário da imprensa do período, pois utilizava de novas tecnologias que aumentavam a qualidade gráfica e a quantidade de tiragens, proporcionando uma diminuição no preço unitário da revista para o leitor¹⁴. Contudo, o que nos interessa são as pretensões de Agostini, que utilizou como maior inspiração a obra mais famosa de Cervantes. Conforme evidencia Costa, Agostini se inspirou na figura do personagem principal, Dom Quixote, que acreditava em causas impossíveis e era um tanto quanto idealista. Além disso, o

¹¹*D. Quixote*, 16 de maio de 1917, p. 3.

¹² COSTA, Carlos Roberto da. *A Revista no Brasil, o século XIX*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 272.

¹³ Após a abolição da escravatura e o início da república, Angelo Agostini passou 6 anos morando na França, não se sabe ao certo quais eram suas motivações e o que ele produziu nesse período.

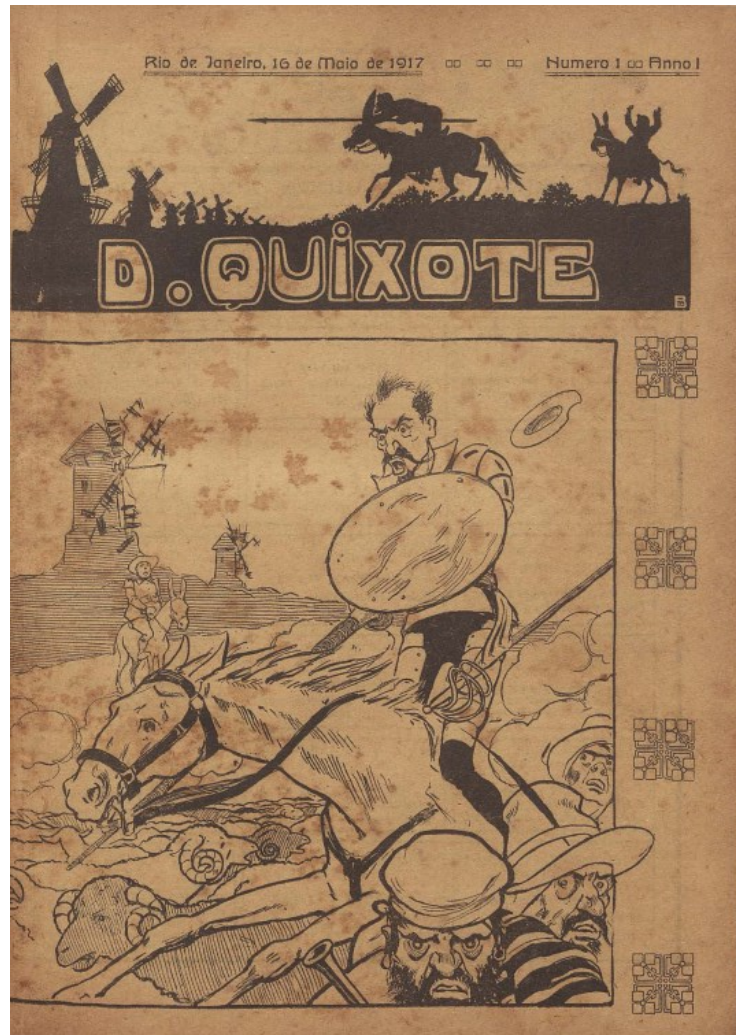
¹⁴ Maringoni, 2006, p. 33 e 215 apud Costa, 2007, p. 273.

autor mostra que outras revistas do mesmo período também referenciaram em seus títulos a obra *Dom Quixote de La Mancha*, em Cuba, Espanha e na Argentina¹⁵.

Desse modo, podemos considerar que Bastos Tigre se inspirou e provavelmente quis dar continuidade ao trabalho feito por Angelo Agostini, criando uma revista com características e nome semelhante ao periódico que finalizou em 1903. A título de demonstração, abaixo, iremos analisar a capa da primeira edição das duas revistas, pensando na origem e simbologia da revista *D. Quixote*, visto que foi produzida por meio de referências que faziam parte do contexto histórico do criador e dos colaboradores da revista.

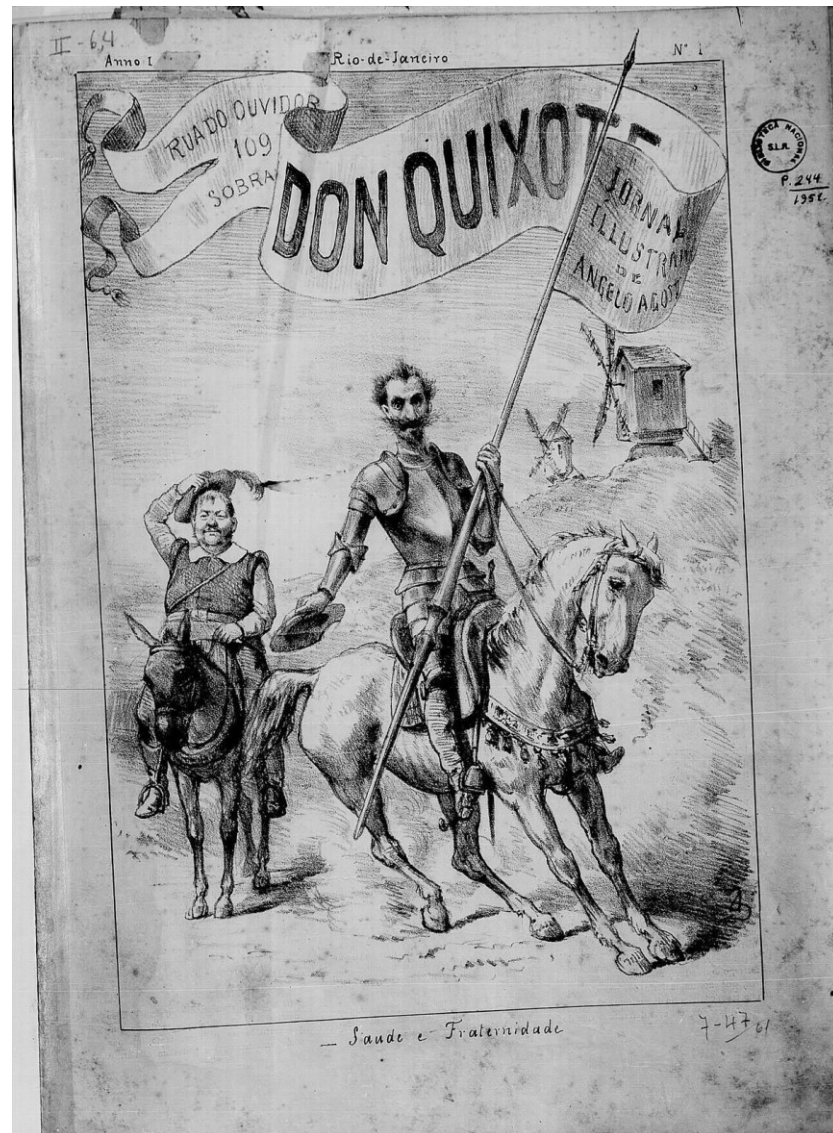
Imagem 1 - 1º capa do periódico *D. Quixote*, 16 de maio de 1917, p. 1.

¹⁵ Ibid., 2007, p. 272.



Esta capa traz diversas referências que contribuem para a construção do magazine, como por exemplo o desenho da famosa cena do livro *Dom Quixote de La Mancha*, quando o personagem luta contra os moinhos de vento, e pode significar a demonstração de interesse de Bastos Tigre e dos outros colaboradores de estarem a frente dessa luta da imprensa, por se posicionar politicamente perante aos acontecimentos do período. Outra característica que podemos observar nesta capa é a presença das caricaturas. O homem montado no cavalo representa o Dom Quixote de La Mancha, ao mesmo tempo em que representa Bastos Tigre, pois é possível destacar características marcantes do escritor no personagem ilustrado, principalmente seu bigode. Contudo, a simbologia da capa é principalmente referente à inspiração na outra revista, a *Don Quixote* (1895-1903). Ao analisar a capa da *Don Quixote*, de Agostini, percebemos que Bastos Tigre também se inspirou nessa ilustração ao ter publicado a capa semelhante.

Imagem 2 - 1º capa do periódico *Don Quixote*. 1895, p.1



A capa carrega muitas semelhanças com a revista mais recente, principalmente pelo cenário que remete a cena dos moinhos de vento e pelo personagem principal Dom Quixote aparecer segurando um estandarte que trazia informações importantes sobre a revista: Don Quixote; jornal ilustrado de Angelo Agostini; rua do ouvidor, 109, sobrado. Além disso, a capa é considerada por Carlos Roberto da Costa como uma capa limpa, concisa, o que difere do que se entendia por criação de capas no período¹⁶. Sandra Regina Moreira levanta a hipótese de que

Mesmo que o Quixote não tivesse sido lido por todo o público do jornal, o fato é que as figuras de cavaleiro e escudeiro já faziam parte do imaginário popular, bem como a tão difundida aventura dos moinhos de vento. Pode-se ver daí que a ilustração escolhida por Agostini para figurar como capa do primeiro número não poderia ser mais acertada, pois ele conseguiu atrair a atenção do público e sua curiosidade: o que é que poderia trazer um jornal que tem como

¹⁶ COSTA, 2007. p. 272-273.

título o nome de um certo cavaleiro sonhador e maluco? Será que este novo Don Quixote vem para combater moinhos de vento ou, talvez, para libertar sua amada Dulcinéia?¹⁷

De fato, é importante destacar a relevância da obra *Dom Quixote* para Agostini e para a sociedade daquela época. No primeiro número da revista, o diretor destaca no trecho abaixo:

É universalmente, conhecida a obra monumental de D. Miguel de Cervantes, e por isso, nos julgamos dispensados de dizer o que foi o herói famoso, cujo nome lhe serve e nos serve de título. A pouco e pouco os nossos leitores e o público terão ensejo de perceber que este nosso D. Quixote, já pelo nome, já pelo caráter esquisito, tem muita afinidade e até mesmo algum parentesco com o decantado e engenhoso fidalgo de La Mancha¹⁸.

Sendo assim, percebemos sua relevância e contribuições no meio da imprensa e do público leitor, isso pode explicar a inspiração de Bastos Tigre em utilizar moldes parecidos em sua revista. Portanto, é possível afirmar que tanto Agostini quanto Bastos Tigre tinham como maior referência e inspiração em suas revistas o romancista, poeta e dramaturgo Miguel de Cervantes Saavedra.

Estima-se que Cervantes Saavedra nasceu em 29 de setembro de 1547, na cidade de Alcalá de Henares, na Espanha. Seu pai era o cirurgião (barbeiro e aplicador de emplastos) Rodrigo Fernandes e sua mãe era Leonor de Cortinas, “mulher que lia e escrevia”, sendo Cervantes um dos sete filhos do casal. Quando tinha entre 19 e 20 anos frequentou em Madri o Studio Público de Humanidades do mestre Juan López de Hoyos, onde aprendeu sobre história, filosofia, gramática, poética e retórica, apesar de nunca ter conseguido frequentar uma universidade¹⁹. Durante sua vida (1547-1616) foi soldado, exerceu cargo público, foi escritor, dramaturgo e poeta, mas também se alistou no exército em 1571, quando participou, na Grécia, da batalha naval de Lepanto, contra os turcos no Mediterrâneo. Apesar de terem saído vitoriosos, Cervantes ficou gravemente ferido e perdeu o movimento da mão esquerda.

Além disso, após servir por alguns anos em Palermo e Nápoles, o navio em que ele regressava para a Espanha foi atacado por piratas mouros e o escritor foi preso por cinco anos em Argel. Ele tentou fugir inúmeras vezes, mas só conquistou a liberdade, quando foi resgatado por sua família em 1580. Em 1584, ao retornar para a Espanha, conseguiu um cargo público e passou a escrever e publicar novelas, poemas, entre outros, além de ter exercido outros cargos

¹⁷ MOREIRA, Sandra Regina. Uma releitura do Quixote de Cervantes pelo Don Quixote de Angelo Agostini. *Anuario brasileiro de estudios hispánicos*, 9 (1999), 169-182. ISSN 0103-8893. p. 174.

¹⁸ *Don Quixote*, 1895, p. 2.

¹⁹ O que sabemos de fato sobre a vida de Miguel de Cervantes. *GHZ*, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/04/o-que-sabemos-de-fato-sobre-a-vida-de-miguel-de-cervantes-5783485.html>.

para a Coroa. Contudo, por supostamente ter dívidas com a Coroa, foi preso por três vezes e pesquisadores sugerem que a primeira parte do livro *Dom Quixote de La Mancha* foi escrita neste período²⁰.

A obra, que está na lista das mais traduzidas e vendidas do mundo e que é considerada como o primeiro romance moderno, foi dividida em dois livros publicados respectivamente em 1605 e 1615. Sua trama consiste em contar as aventuras de Alonso Quijano (Dom Quixote de La Mancha) e de seu escudeiro Sancho, que percorrem as terras espanholas, procurando um sentido em sua existência. Nesse contexto, Quixote é um fidalgo senhor que tinha por volta dos cinquenta anos e era leitor de romances de cavalaria²¹, de modo que deixou sua fazenda à mercê, a fim de comprar e ler esses livros. Movido por um senso de justiça misturado com o desejo de viver aqueles romances de cavalaria, ele enfrentou desafios criados em sua própria mente, nos quais consistiam em “libertar prisioneiros das mãos de soldados da corte, a arremeter-se contra odres de vinho e moinhos de vento como se os mesmos fossem inimigos, idealizando a musa Dulcineia (Aldonza Lorenzo)”²². Uma das batalhas mais famosas é a luta contra os moinhos de vento, na qual “os moinhos de vento fazem o papel cíclico/reversível da loucura ou insanidade a que estava exposto o cavaleiro, que buscava a constante prática da humanidade em seu existir no mundo”²³. Nesse percurso, o personagem principal enfrenta seus familiares que acreditam que ele foi tomado pela insanidade, além de ele ter que enfrentar também estigmas daquela sociedade entre os séculos XVI e XVII, na qual ele vive e que é marcada pela transição entre a Idade Média e a Idade Moderna.

Cervantes inspirou escritores em todo o mundo, sendo um dos autores mais lidos e estudados, inspirou por exemplo o escritor brasileiro Lima Barreto em seu romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*²⁴. Conforme elucidada Sandra Regina Moreira, “mais românticos ou mais realistas, o fato é que o Quixote influenciou e continua influenciando gerações de leitores, críticos e autores que tentam, quixotesicamente, desvendar-lhe os mistérios”²⁵. Todavia, o que diferencia a obra *Dom Quixote* são principalmente os elementos utilizados por Cervantes, como por exemplo as muitas referências de romances de cavalaria em seu texto, visto que “Miguel de

²⁰ FRAZÃO, Dilva. Miguel de Cervantes: escritor e dramaturgo espanhol. *eBiografia*, 2024. Disponível em: https://www.ebiografia.com/miguel_cervantes/.

²¹ Os romances de cavalarias têm origem na Idade Média, mas não há consenso por parte dos especialistas de uma data para seu surgimento.

²² RODRIGUES, Evaldo Teles. Loucura e estigma à luz da obra *Dom Quixote de La Mancha*. Artigo - *Centro de Formação de Professores*, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2018. p. 16.

²³ *Ibid.*, RODRIGUES, 2018, p. 18.

²⁴ MOREIRA, 1999, p. 169.

²⁵ MOREIRA, 1999, p. 169.

Cervantes antes de ser escritor foi um grande leitor. E como homem do seu tempo também conviveu com os romances de cavalarias”²⁶, ao mesmo tempo em que em sua escrita nesta obra ele se diferencia dos outros escritores do período por fazer uso da paródia em todo o texto. É nesse ponto que o livro mais se aproxima da revista *D. Quixote*, pois Cervantes parece brincar com o significado de romances de cavalaria e com o humor em meio a tragédias, assim como a revista propõe em todo o tempo a utilizar o humor para expor assuntos sérios.

Ademais, pode-se presumir que Bastos Tigre tinha certo fascínio pela obra, visto que utilizava o pseudônimo D. Xiquote (trocadilho), muito antes de a revista iniciar seus trabalhos, além de ter publicado um livro, em 1913, denominado *Moinhos de vento*. Nascido em Pernambuco, Bastos Tigre é filho primogênito da cearense Maria Leontina Bastos Tigre e do gaúcho Delfino da Silva Tigre e teve vinte e quatro irmãos, apesar de terem sobrevivido apenas treze. Ele teve o privilégio de iniciar os estudos aos cinco anos na Escola Pública Mista e depois deu sequência aos estudos no Colégio Diocesano de Olinda. Ao pesquisar sobre a vida e obras de Bastos Tigre, foi possível perceber seu envolvimento com a escrita desde jovem, como aponta Marcelo Balaban em *Instantâneos do Rio Antigo*²⁷: “O filhote de tigre já anunciaria a fera adulta, numa presunção no mínimo curiosa (...) quando completou sete anos foi para o seminário em Olinda, onde lançou seu primeiro jornal: *O vigia*, escrito de próprio punho e que circulava entre os colegas até ser confiscado pelo Monsenhor Fabrício, o reitor da instituição”²⁸. Aos dezesseis anos foi enviado para o Rio de Janeiro, onde cursou Engenharia, a partir de 1900, na Escola Politécnica e viveu por todo o restante de sua vida. Enquanto estava na faculdade, continuou se dedicando à escrita. Participou de redações de jornais, compôs músicas, publicou poesias e peças teatrais e foi um dos pioneiros na publicação dos “reclames”, a publicidade da época. Aliás, a escrita o seguiu em toda a sua trajetória, de diferentes formas e com diversos propósitos. Esse meio possibilitou que desenvolvesse amizade com Olavo Bilac, Emílio de Menezes, Severino de Resende, Guimarães Passos, Lima Barreto e tantos outros que compartilhavam a vivência boêmia carioca.

Apesar de ter passado alguns anos nos Estados Unidos, estudando eletricidade pela General Electric, retornou em 1909 para o Brasil onde deu continuidade a sua vida boêmia e suas atividades como escritor. Bastos Tigre foi pai de Helena Ferraz, de seu relacionamento com

²⁶ MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. O perfeito livro de cavalarias de Dom Quixote. XI Congresso Internacional da ABRALIC Têxtil, Interações, Convergências. USP – São Paulo, 2008, p. 3.

²⁷ BALABAN, Marcelo. Instantâneos do Rio Antigo - Bastos Tigre. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

²⁸ BALABAN, 2003, p. 11.

Maria Olympia, e casou-se, em 1911, com Maria Isabel Coelho Cintra, com a qual teve cinco filhos: Sylvia, Selene, Hélios, Heitor e Stella.

Foi no Rio de Janeiro que ele se desenvolveu e atuou em diversas profissões durante a sua vida. O dia do Bibliotecário é comemorado em 12 de março nos estados brasileiros, por causa dele. Essa data foi instituída pelo Decreto nº 84.631, de 1980, e homenageia Manuel Bastos Tigre (Recife, 12 de março de 1882 — Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1957), visto que ele foi o primeiro bibliotecário concursado no país. Contudo, Bastos Tigre não atuou apenas como bibliotecário. Em sua trajetória atuou em uma gama de profissões, foi engenheiro, jornalista, poeta, reclamista, compositor, teatrólogo, humorista. As características que Tigre acumulou em suas vivências e escritas refletiram muito no que foi a construção da revista *D. Quixote*. Como vimos anteriormente, suas páginas carregam a personalidade crítica e humorística do diretor geral e fundador.

Portanto, podemos perceber que a revista tem sua origem principalmente desenvolvida a partir das relações de Bastos Tigre com influências predominantes em seu período, no caso, o ilustrador Angelo Agostini e o escritor Miguel de Cervantes Saavedra.

Levando em consideração que a presente pesquisa parte de uma trajetória de investigação com relação aos números publicados na revista, torna-se importante delimitar que este trabalho se restringiu a estudar um recorte temporal e temático específico de publicações da revista: aqueles números que comentaram sobre a gripe espanhola no Brasil, entre outubro de 1918 e janeiro de 1919. Meu objetivo principal foi o de refletir sobre o cotidiano social dos brasileiros em tempos de calamidade, por meio das publicações desse periódico, visto que esta pesquisa se fundamenta no princípio de que os conflitos são frutos das relações de convivência entre os seres humanos, considerando que essas interações sociais são marcadas pelas questões de classes sociais, mas que a partir disso, é possível compreender um pouco mais a fundo de um determinado período de tempo. Nesse sentido, analisar o que os sujeitos estão escrevendo neste periódico, faz com que analisemos também o que foi discutido naquela sociedade, como também os movimentos e conflitos expressados pela imprensa.

Logo, pude encontrar alguns estudos que têm características semelhantes com a minha pesquisa, seja por meio da temática ou por ter a mesma fonte de pesquisa. Abaixo, destacarei alguns desses estudos que podem trazer consideráveis diálogos e contribuições.

O artigo “A pandemia como inimiga: a Grande Guerra e a gripe espanhola na imprensa ilustrada brasileira”²⁹, do historiador Cristiano Enrique de Brum, aproxima-se deste estudo por

²⁹ BRUM, Cristiano Enrique de. A pandemia como inimiga: a Grande Guerra e a gripe espanhola na imprensa ilustrada brasileira. In: KORNDORFER, A.P., ROSSI, D., BRUM, C.E.de, FLECK, E.C.D.

causa de sua temática com características semelhantes ao que esta monografia pretende trazer à luz, do início do período da pandemia da gripe espanhola em territórios brasileiros, a partir da revista *D. Quixote*. Brum reflete sobre as manifestações da imprensa ilustrada a respeito da gripe espanhola e da Grande Guerra (1914- 1918), sendo suas fontes: “‘A Careta’, fundada em 1908, de propriedade de Jorge Schmidt; ‘Dom Quixote’, fundada em 1917 por Manuel Bastos Tigre; ‘Fon-Fon’, criada em 1907 por Gonzaga Duque e Jorge Schmidt, mas que, em 1915, passou à propriedade de Sérgio Silva, e ‘O Malho’, fundada em 1902”³⁰. O pesquisador realiza seus estudos analisando diferentes revistas, ao mesmo tempo em que não esgota tudo o que a *D. Quixote* oferece sobre o cenário de guerra e pandemia protagonizado em seu noticiário. Além disso, os recortes temporais são diferentes, pois esta monografia analisa um material histórico mais completo sobre a revista e o momento de moléstia vivido no Brasil. Logo, esta monografia vai ampliar as pesquisas sobre esse período histórico, trazendo novos questionamentos e conjecturas, pensando no público leitor e nos colaboradores da revista. Ainda assim, o artigo contribui com elementos que auxiliam na análise de como a imprensa brasileira retratou o momento da Grande Guerra e da gripe espanhola.

No campo da História da saúde pública, João Victor Rossetti Brancato e Rosângela de Jesus Silva contribuem para esta pesquisa por meio do artigo “Retratando a peste no Brasil: imagens do passado, irrupções no presente”³¹, no qual analisam sob perspectiva histórica fotografias e ilustrações do período epidêmico de 1918 e dialogam com a pandemia do COVID-19. Este trabalho traz à luz diversas abordagens da imprensa a respeito da gripe, inclusive duas imagens da *D. Quixote*. A partir do artigo em questão, foi possível compreender que a imprensa escolheu criticar a má gestão e os acontecimentos daquele período epidêmico, visto que o cenário era caótico e de muitas mortes. Brancato e Silva consideraram a presença da população mais pobre nas páginas dos periódicos, apontando que a imprensa voltou-se a denunciar o quanto essa classe fora atingida pela espanhola³².

Contribuindo para os estudos da história da ciência, a tese “Influenza, a medicina enferma. Ciências e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo”³³, de Liane

(orgs). Em tempos de pandemia: reflexões necessárias sobre saúde e doenças no passado e no presente. São Leopoldo: Oikos Editora, 2021.

³⁰ BRUM, 2021, p. 177.

³¹ BRANCATO, João Victor Rossetti; SILVA, Rosângela de Jesus. Retratando a peste no Brasil: imagens do passado, irrupções no presente. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 13, n. 30, p. 147-172. Dossiê: Pestes, quarentenas, pandemias e pandemônios: visões e visualizações da doença ontem e hoje / set./dez. 2021.

³² BRANCATO e SILVA, 2021, p. 147-172.

³³ BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Campinas, SP, 2002.

Maria Bertucci, propõe uma discussão sobre a desestruturação do cotidiano de São Paulo no período epidêmico. A autora mostra as dificuldades da ciência e da medicina diante de uma doença devastadora. Bertucci enriquece a discussão, no campo da História Social, trazendo debates sobre o uso da ciência, a crise sanitária, o comércio de remédios e as curas por meio da fé. Sua tese ajuda nas análises das conjunturas daquele momento histórico, principalmente por analisar os sujeitos brasileiros que faziam parte daquele tempo.

Para investigar o panorama da gripe espanhola no Brasil, foi fundamental o livro *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*, de Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling³⁴. As autoras traçam uma trajetória de todo o percurso da gripe espanhola no Brasil, mostrando sua possível origem, a chegada da doença em solos brasileiros, além de apresentar como a calamidade se comportou de norte a sul do país. Schwarcz e Starling enriquecem a presente pesquisa de informações históricas que podem oferecer uma nova ótica para o que os jornalistas expressaram por meio da *D. Quixote*, considerando que a revista era extensa e suas páginas carregavam um leque eclético de informações. Ainda assim, muitas outras pesquisas foram relevantes para auxiliar nesta busca pelo que pode ter sido expressado pelos colaboradores da revista e pelo que foi esse início do século XX.

Desse modo, no capítulo 1, iniciarei retomando o que foi a gripe espanhola para os colaboradores da *D. Quixote* e o que esses sujeitos expressavam através de suas publicações, buscando analisar quais eram os conflitos que não ficavam dispersos nem mesmo das ilustrações. Neste sentido, vou trazer a análise dos apontamentos feitos por colaboradores da *D. Quixote*, pensando nos trabalhadores da imprensa, especialmente os que trabalhavam na revista estudada. Assim, objetivamos analisar as modificações nas vivências cotidianas dos trabalhadores do periódico durante a gripe espanhola.

O capítulo 2 foi dedicado a entender o que os colaboradores da revista expressaram em relação ao que acontecia na sociedade, para além da própria gripe. Neste capítulo, vamos investigar questões recorrentes nas páginas do periódico, como a crise econômica no Brasil, os profissionais da saúde e um pouco da imprensa para além da *D. Quixote*.

Já o capítulo 3, foi dedicado à proposição do uso dessa imprensa humorística e da imprensa atual em sala de aula. Assim, por meio de um plano de aula, pretendo evidenciar a importância do uso das fontes históricas para o ensino, de modo a aproximar os estudantes do fazer historiográfico. Desse modo, irei relacionar a imprensa do período da gripe espanhola

³⁴ SCHWARCZ, LM. STARLING, HM. *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; 2020.

com a imprensa de outro momento de pandemia, a recente COVID-19, traçando paralelos entre esses momentos de calamidade. O objetivo é principalmente compreender que a imprensa é relevante para entendermos algumas circunstâncias que podem ter sido esquecidas ou não problematizadas.

CAPÍTULO 1: A epidemia de gripe espanhola nas páginas da *D. Quixote*

1.1 Introdução

Em setembro de 1918, a Gripe Espanhola, também conhecida como *la dansarina*, a espanhola, a influenza, gripe pneumônica, peste pneumônica ou pneumônica, chegou ao território brasileiro. Causada possivelmente por uma virulência, de uma variante do vírus Influenza A, do subtipo H1N1, foi considerada uma das doenças mais devastadoras da história. A doença que embarcou em um navio europeu rumo ao Brasil, infectou a população dos estados brasileiros em poucos dias. A imprensa brasileira acompanhou os acontecimentos e foi uma das principais responsáveis por manter as pessoas atualizadas. Os colaboradores da revista *D. Quixote* publicaram seus primeiros textos e imagens sobre a Gripe Espanhola em outubro de 1918.

Neste capítulo, iremos analisar o período de outubro de 1918, momento em que a gripe espalhou-se rapidamente pelo Brasil, com o objetivo de refletir sobre como os responsáveis pela *D. Quixote* se manifestaram com relação à mazela. Para esta análise, foi preciso considerar que estes colaboradores poderiam ter discordâncias de opiniões sobre a situação que estavam vivendo, tanto entre si quanto com relação a outros jornais e revistas, pois esses sujeitos possuíam histórias de vida e interesses diferentes. Apontaremos também algumas consequências produzidas pela doença no cotidiano carioca, visto que se pretende compreender o posicionamento dos jornalistas da *D. Quixote* neste período epidêmico, pois eles foram fundamentais para difundir as notícias, tanto sobre a gripe, quanto sobre política, economia, guerra, entre outros acontecimentos da sociedade durante o período da pneumônica. Assim, foi por meio da revista que as pessoas se mantiveram informadas, mas que também puderam se divertir com as publicações humorísticas. Além disso, neste capítulo entenderemos como a revista se diferencia de outros periódicos, evidenciando suas características a partir das publicações sobre a gripe espanhola.

Ademais, não podemos desconsiderar que as pessoas que trabalhavam na produção da revista eram trabalhadores, que dentro de suas possibilidades de publicações expressavam seus anseios, seus descontentamentos e críticas a respeito da sociedade em que viviam. Cabe ressaltar que um período epidêmico é também momento de diversas incertezas, anseios e luta por direitos, por isso não devemos desconsiderar esses sujeitos como agentes de mudanças naquela realidade. Assim, devemos pensar em suas contribuições para a historiografia, a partir de sua profissão e de seus interesses públicos. Desse modo, o momento de epidemia pode ser

utilizado para analisarmos como os colaboradores da revista se viam na condição de trabalhadores afetados pela moléstia, de modo a expressar como a doença afetou também seu “ganha pão”.

1.2 A espanhola chega ao Brasil

Em 16 de outubro de 1918, a revista humorística *D. Quixote* relatou, por meio do texto intitulado “Aos leitores”, que os seus colaboradores tinham sido contaminados pela espanhola: “A influenza hespanhola, com o intuito de ainda mais entristecer a população do Brasil, entrou-nos pela redação e oficinas adentro, subjugando oito auxiliares nossos e cinco redatores”³⁵. O informativo da revista também descreve que precisaram diminuir quatro páginas de texto, como a coluna “Foot-ball e remo”, que foi substituída por anúncios que já se encontravam impressos³⁶. Neste sentido, a partir desse texto, percebemos a dimensão da doença no Rio de Janeiro e no país, quando até os jornalistas, responsáveis por comunicar a população, foram infectados, em menos de um mês, pela doença letal. Visto que no primeiro número em que os colaboradores escreveram sobre a gripe espanhola já tiveram que modificar a estrutura da revista e anunciaram que 13 colaboradores foram infectados pela moléstia. O texto informativo concluiu explicando aos leitores que entendessem que precisaram colocar mais páginas de anúncios, porque havia sido um caso de força maior, que “mesmo aos humoristas aborrece e desconcerta”³⁷. Ou seja, até os trabalhadores que tinham a função de informar e fazer os leitores rirem estavam sujeitos a se infectar e terem que modificar sua rotina e seu trabalho.

Desse modo, começamos a pensar no ofício dos colaboradores da imprensa, que assim como seus leitores tinham que lidar com as circunstâncias da vida enquanto não podiam deixar de trabalhar. Pelo contrário, visto que esses sujeitos noticiaram como estava o cotidiano alterado pela gripe. Nas páginas da *D. Quixote*, veremos que os redatores escreveram textos e produziram imagens que remetiam ao cotidiano sendo modificado por um futuro incerto, no qual nem mesmo o humor deixou de ser afetado. Ao mesmo tempo, assim como em outras profissões, os jornalistas precisaram se reinventar para não perderem seus leitores.

³⁵ *D. Quixote*, 16 de outubro de 1918, p. 17.

³⁶ *D. Quixote*, 16 de outubro de 1918, p. 17.

³⁷ *D. Quixote*, 16 de outubro de 1918, p. 17.

Dessa maneira, precisamos considerar que a gripe espanhola teve uma especificidade: atacou principalmente os adultos jovens, entre vinte e quarenta anos³⁸, que formavam, possivelmente, a maioria dos trabalhadores naquele período. Neste sentido, os colaboradores da *D. Quixote* terem sido atingidos logo no início da doença em solos brasileiros, mostra que faziam parte dessa classe trabalhadora que precisavam estar em espaços públicos, por isso eram mais suscetíveis à contaminação, já que o contágio da espanhola ocorre por meio de gotículas transmitidas pelos doentes pelo espirro, tosse, pela fala e pelas mãos, se espalhando pelo ar e podendo contaminar outras pessoas. Ao entrar pelas vias respiratórias, o vírus busca células pulmonares para se reproduzir e as consequências eram indivíduos com sintomas de uma gripe mais potencializada: iniciava com sintomas parecidos aos de um resfriado, com dores pelo corpo, febre e falta de ar, mas que também poderia progredir a um nível de sangramento por qualquer orifício do corpo, como nariz, boca, olhos, ouvidos e até pela vagina, conforme enunciam Lilia M. Schwarcz e Heloisa M. Starling, no livro *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*³⁹.

Mas afinal, de onde surgiu essa doença? A teoria mais adequada sobre a origem da espanhola seria a de que a moléstia surgiu nos Estados Unidos, entre fevereiro e março de 1918, no hospital *Camp Funston*, situado em um quartel da base militar *Fort Riley* no *Kansas*, visto que neste período receberam inúmeros casos de soldados infectados com a gripe. Apesar de os médicos já conhecerem a influenza, não esperavam que ela fosse progredir violentamente como ocorreu, assolando todo o mundo. Naquilo que ficou conhecido como sua primeira onda, o vírus foi levado para a Europa através das tropas norte-americanas. Já em sua segunda onda, os pesquisadores estimam que foi levada pelos navios a outros continentes em agosto de 1918, por meio do deslocamento de pessoas e mercadorias. Foi nesse período que a maioria das vítimas foi atingida, levando a centenas de milhares de mortes⁴⁰. Em pouco tempo, todos os continentes foram afetados, em um cenário no qual não havia conhecimentos científicos suficientes para lidar com a epidemia, do mesmo modo que ainda não havia descoberto medicamentos eficazes para conter a doença.

As autoras Schwarcz e Starling exploram em seu livro que foram utilizadas aspirinas para tentarem conter o surto epidêmico. No entanto, como a medicação é vasodilatadora e

³⁸ SCHWARCZ, LM. STARLING, 2020, p. 34.

³⁹ SCHWARCZ, LM. STARLING, HM. 2020.

⁴⁰ SCHWARCZ e. STARLING, 2020, p. 36.

hemorrágica, o excesso das doses de medicamentos mostrava-se igualmente nociva⁴¹ à saúde. Diante disso, calcula-se que a Gripe espanhola afetou direta ou indiretamente por volta de metade da população mundial, com a estimativa de 20 a 40 milhões de mortes, o que é mais do que as vítimas de toda a Primeira Guerra - cerca de 15 milhões de vítimas, segundo Sergio Lamarão e Inoã Carvalho Urbinati, no verbete do *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República 1889-1930*⁴².

No Brasil, estima-se que a gripe tenha chegado em setembro de 1918, por meio de pessoas a bordo do navio francês *La Plata*. Dessa forma, após o Brasil ter declarado apoio aos Aliados (Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos, entre outros), houve o envio, em 18 de agosto de 1918, de uma Missão Médica Militar, composta por médicos, enfermeiros, farmacêuticos e dentistas, para o Hospital Militar Brasileiro em Montparnasse, na França, com a intenção de ajudar civis e militares. No percurso fizeram uma escala em Dakar, na África Francesa (atualmente Senegal), onde embarcaram soldados coloniais senegaleses. Durante o restante da viagem, a gripe assolou o *La Plata*, onde a doença fez suas primeiras vítimas brasileiras.

Contudo, ao considerar o território brasileiro, não é possível ter a exatidão de qual foi o primeiro lugar onde se manifestou a espanhola. Schwarcz e Starling argumentam que a possível chegada da gripe foi em 9 de setembro, quando o navio inglês Demerara (depois apelidado de Navio da Morte) desembarcou no porto de Recife, onde as autoras destacam que os “passageiros e tripulantes contaminados desceram no cais sem despertar maiores preocupações por parte das autoridades de saúde - aliás, um procedimento que se repetiria em outros portos brasileiros”.⁴³ Em seguida fez escalas em Salvador, no Rio de Janeiro e em Santos e depois seguiu para o Uruguai. O Demerara até chegou a levantar bandeira amarela, que significa doença a bordo, ao chegar ao Rio de Janeiro. Entretanto, mesmo com o inspetor constatando alguns doentes a bordo, as pessoas receberam autorização para desembarcar.

O que percebemos é que o vírus se manifestou pela região litorânea do país e depois seguiu para as outras áreas rapidamente, com consequências devastadoras, como foi o exemplo da capital do país naquele período, o Rio de Janeiro, que obteve cerca de 12700 óbitos em dois

⁴¹Ibid., 2020, p. 54.

⁴² LAMARÃO, Sergio; URBINATI, Inoã Carvalho. *Gripe Espanhola. Atlas Histórico do Brasil* - FGV CPDOC. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/gripe-espanhola>. Acesso em: 16 fev 2024.

⁴³Ibid., 2020, p. 76.

meses⁴⁴. Assim, muitos trabalhadores do país foram atingidos, como foi o caso dos colaboradores da revista *D. Quixote*.

No início de outubro, mês seguinte ao da chegada da espanhola, a população brasileira já estava sendo infectada e a doença se espalhou pelo Rio de Janeiro. Contudo, a *D. Quixote* começa a falar sobre a espanhola na metade do mês de outubro, quando provavelmente tiveram dimensão de que não se tratava de uma gripe comum. A seguir, iremos analisar a ilustração humorística que foi publicada na *D. Quixote*, na edição do dia 16 de outubro de 1917:

Imagem 3 - “O perigo do trocadilho. *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918.



⁴⁴Ibid., 2020, p. 82.

A charge intitulada "O perigo do trocadilho", presente em diversas edições da revista, era utilizada para entreter a respeito de alguma temática que os colaboradores queriam enfatizar na semana. Ao todo, ao longo dos anos, foram 92 charges intituladas "O perigo do trocadilho" na revista. O objetivo era utilizar um jogo de ilustrações e palavras que podiam gerar um trocadilho, ou seja, gerar uma sátira a um acontecimento que foi entendido de maneira errada. Desse modo, o humor na imagem acima foi produzido, porque o garoto baixo com um sorriso no rosto disse que um outro sujeito contou que estava tendo um relacionamento com uma mulher chamada Dolores. Entretanto, o humor é provocado, porque o homem se expressou por meio de palavra que havia ganhado outros significados naqueles dias, pois disse que estava com a espanhola. A mulher chamada Dolores era a espanhola que o homem estava se relacionando, porém, dadas as circunstâncias da doença, as pessoas ao seu redor acharam que ele estava dizendo estar infectado pela doença gripe espanhola, causando o trocadilho na charge. Outrossim, o fato do nome da mulher ser Dolores, pode ter sido uma referência a dor, tanto física quanto simbólica, mas que estava presente durante a epidemia. Na imagem também podemos destacar a presença de uma caveira, que foi utilizada para fazer lembrar a gripe e pessoas amontoadas, representando as mortes causadas pela moléstia.

Todavia, outro aspecto a ser analisado neste mesmo número da revista, é que nesta edição, de 16 de outubro, nota-se que a *D. Quixote* escolheu publicar textos e imagens sobre a gripe espanhola em apenas uma página das vinte e quatro deste número, o que pode ser considerado que a doença ainda não tinha tanta relevância para os redatores, pois só falaram da gripe na página 17. Isto posto, demonstra que a doença ainda não era o assunto principal a ser comentado, possivelmente pela epidemia estar no início, evidenciando que provavelmente eles ainda não tinham dimensão de todo o estrago que viria a acontecer por meio da gripe. Outro aspecto a ser considerado é o de que a revista publicava seus números uma vez por semana, logo, as informações contidas são dos dias anteriores à data de sua publicação.

Sendo assim, os periódicos foram noticiando sobre a gripe aos poucos, conforme as próprias notícias iam chegando. Podemos considerar também que a Grande Guerra, que estava em suas últimas batalhas, ainda era o assunto mais noticiado e discutido, aparecendo frequentemente nas páginas da revista. Aliás, no artigo "A imprensa periódica e a pandemia de 1918: as notícias sobre o comportamento da instrução pública durante a "gripe espanhola", de

André Condes Ferreira e Andrezza Silva Cameski, os autores comentam que “as primeiras notícias sobre a nova doença foram, praticamente, ignoradas”⁴⁵.

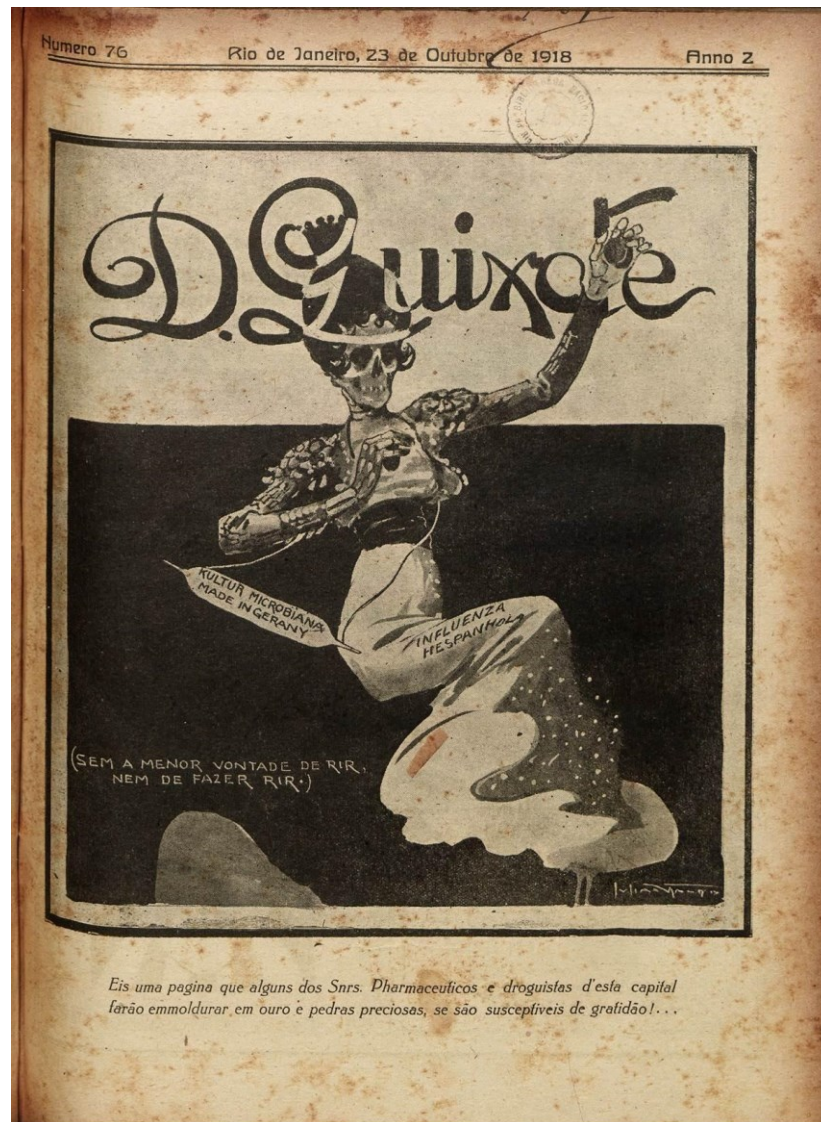
Dessa maneira, é necessário destacar que no século XX a imprensa se estabelece com vistas ao retorno financeiro, sendo que os jornalistas também pensavam em destacar temáticas que poderiam gerar mais lucro e em quais notícias seriam mais bem recebidas pelo seu público leitor, isso faz com que haja um fator político-ideológico o qual precisamos considerar⁴⁶. Isto pode ter influenciado a escolha deles por tratarem o assunto da Grande Guerra com maior relevância. Ainda assim, não podemos deixar de refletir que, diferente do argumento de Ferreira e Cameski, havia outro fator para além do cunho comercial. Os redatores da *D. Quixote*, assim como toda a população, estavam vivendo aquele momento da doença, de modo que o futuro deles era incerto. Portanto, não podemos deixar de considerar que as suas publicações são fruto principalmente de uma história repleta de indeterminação.

Assim como as mudanças na cidade carioca foram ocorrendo gradativamente em relação à epidemia, na imprensa não foi diferente. Na revista *D. Quixote*, o número 76, publicado no dia 23 de outubro, uma semana após a edição de publicação da charge que analisamos anteriormente, já veio recheado de textos e imagens sobre a espanhola. Percebemos como a situação se modificou de uma semana para a outra, quando notamos que a gripe veio estampada na capa do periódico. Esta informação é relevante, porque as capas trazem o assunto de maior interesse nas revistas e jornais.

Imagem 4 - Capa da revista, edição 00076. *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918, p. 1.

⁴⁵ FERREIRA, André Condes; CAMESKI, Andrezza Silva. A imprensa periódica e a pandemia de 1918: as notícias sobre o comportamento da instrução pública durante a “gripe espanhola”. *Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023015, 2023. DOI: 10.20888/ridphe_r.v9i00.18337.

⁴⁶ *Ibid.*, 2023, p. 13.



A capa acima, produzida pelo renomado ilustrador Julião Machado, nos evidencia que neste momento da história, os jornalistas estavam preocupados com o que a gripe espanhola estava causando no Brasil. O ilustrador foi referência no século XIX e XX, nas revistas ilustradas, por utilizar técnicas avançadas em suas produções. Seu trabalho nas revistas ilustradas acompanhou as transformações que ocorriam nos meios de comunicação, frutos da Segunda Revolução Industrial (Revolução Científico-Tecnológica)⁴⁷. Ao longo da sua vida, Julião Félix Machado, natural de São Paulo de Luanda (capital da Angola), trilhou um caminho de estudos como diretor artístico. No Brasil, ele participou de renomados jornais e revistas como *A Cigarra*, *a Bruxa*, *Kosmos*, *Jornal Illustrado*, entre tantos outros.

⁴⁷ Para mais informações sobre as produções e vida de Julião Machado, acessar o livro: FONSECA, Leticia Pedruzzi. *Uma revolução gráfica : Julião Machado e as revistas ilustradas no Brasil, 1895-1898*. – São Paulo : Blucher, 2016.

Ao analisar a revista, podemos perceber que sua colaboração na *D. Quixote* se deu quando ele já tinha completado mais de trinta anos de profissão e já havia se consolidado nesse meio da imprensa. Também precisamos considerar sua extensa participação no periódico. Segundo a designer Letícia Pedruzzi Fonseca, “Julião tinha compromisso em satirizar a sociedade, (...) afirmou que existem afinidades entre as missões do jornalista e do caricaturista, pois entendia que o jornalista ligado à ironia, como o caricaturista, se configura no cronista”⁴⁸. Logo, a partir do que Fonseca nos informa, é possível evidenciar que Julião Machado tinha interesses muito semelhantes aos propostos pelo diretor da *D. Quixote*, Manoel Bastos Tigre. A valorização com o trabalho do ilustrador era tanta, que em 1919 os redatores da revista ofereceram a ele um piquenique em seu aniversário, além de o terem descrito como “nosso brilhante Julião Machado”⁴⁹. Notamos, portanto, que Julião Machado era um redator valorizado por seu trabalho também pelos outros colaboradores da revista.

Na ilustração da capa acima, podemos notar a presença da representação da espanhola: uma caveira em formato de mulher, utilizando um longo vestido que, segundo Cristiano Enrique de Brum, são vestimentas espanholas folclóricas e os adereços são castanholas e um grande chapéu⁵⁰. Além disso, o historiador mostra que, ao invés de uma bolsa, o esqueleto carrega consigo uma pipeta de laboratório com a frase “*kultur microbiona, made in germany*”, no qual Brum descreve que “a ideia geral que se tenta incutir é que a nova ameaça microscópica poderia ter sido fabricada em laboratório para ser usada como uma nova arma de guerra”⁵¹, visto que muito se discutia sobre a origem da doença, como também a respeito de suas consequências e tratamento. Porém, esta suposição da revista não se confirma e a origem do vírus teve e tem diversas teorias.

Contudo, o que pode ser mais importante para nossa análise é a frase “Sem a menor vontade de rir, nem de fazer rir”, no canto inferior esquerdo da imagem. Quando observamos as características predominantes da revista, percebemos que o humor não era apenas um adereço utilizado pelos escritores e ilustradores da *D. Quixote*, pelo contrário, os trabalhadores da revista estão reafirmando com frequência que fazem humor em qualquer situação. Por isso, quando nos deparamos com essa mesma imprensa, alegando que não estão com vontade de fazer humor para o leitor, podemos notar que a situação estava tão preocupante a ponto de a *D. Quixote*

⁴⁸ FONSECA, 2016.

⁴⁹ *D. Quixote*, 25 de junho de 1918, p. 10.

⁵⁰ BRUM, Cristiano Enrique de. A pandemia como inimiga: a Grande Guerra e a gripe espanhola na imprensa ilustrada brasileira. In: KORNDORFER, A.P., ROSSI, D., BRUM, C.E.de, FLECK, E.C.D. (orgs). *Em tempos de pandemia: reflexões necessárias sobre saúde e doenças no passado e no presente*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2021, p. 186.

⁵¹ *Ibid.*, 2021, p. 186-187.

enviar uma mensagem para o seu público de que não havia motivos para estarem exercendo a sua principal função que era de fazê-los rir. Neste ponto, podemos refletir sobre a condição em que estiveram os trabalhadores da revista durante a epidemia. A *D. Quixote* era o meio pelo qual eles ganhavam seu sustento, entretanto este sustento viria a conflitar com o objetivo principal da revista: fazer humor, independente se a situação estava atingindo também seus colaboradores.

Todavia, Julião Machado, ao produzir esta capa, evidencia que ele tinha consciência de que seu ofício também era responsável por produzir reflexão em seu público leitor. Ao observarmos o rodapé da página é notável que o ilustrador teceu críticas a lucratividade da indústria farmacêutica durante o momento de calamidade, quando trouxe o texto “Eis uma página que alguns dos Snrs. farmacêuticos e droguistas desta capital farão emoldurar em ouro e pedras preciosas se são suscetíveis de gratidão”⁵². Fica então evidenciado que o ilustrador estava consciente de que elaborar uma capa que destacava a doença poderia ser uma maneira de provocar mais preocupação à população sobre o que estava ocorrendo no Rio de Janeiro. Isso poderia levar às pessoas a comprarem medicamentos que supostamente poderiam trazer a “cura” da espanhola. Neste sentido, isto beneficiaria as farmácias e drogarias da cidade, pois elas lucrariam com as mazelas.

É de suma importância ressaltar que naquele período a medicina ainda não tinha um diagnóstico preciso para a gripe, por isso todos estavam atordoados com a surpresa de uma epidemia daquele porte. Assim, os medicamentos eram usados desenfreadamente em busca de uma cura para aquela enfermidade, como evidencia a historiadora Liane Maria Bertucci: “Essa situação amplamente divulgada, de cuidados pessoais e terapia diversificada (porque 'recomendada'), colaborou para que fabricantes de vários medicamentos aprovados pelas autoridades sanitárias passassem a anunciar que seus produtos combatiam a gripe espanhola”⁵³. Além disso, também foram comercializadas poções sem aprovação científica que também eram amplamente compradas pelas vítimas da epidemia. Neste sentido, quando a revista traz esse comentário sobre os farmacêuticos e drogarias, eles mostraram que quanto mais falavam da gripe, mais estes comerciantes se beneficiavam, pois quanto mais as pessoas liam e falavam sobre a gravidade da doença, mais preocupadas ficavam, o que ocasionaria na compra de possíveis curas para a gripe.

⁵² *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918, p. 1.

⁵³ Bertucci-Martins, Liane Maria. Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2005, v. 12, n. 1, pp. 143-157.

Portanto, logo na capa da edição de 23 de outubro, já é perceptível que o cotidiano das pessoas, inclusive o da imprensa, estava sendo alterado conforme a doença ia avançando e contaminando a população. Assim, trazer a imagem da espanhola com estas mensagens na capa é um jeito de a revista anunciar que possivelmente tinham um assunto tão pertinente e letal quanto a guerra para se discutir. Nesta mesma edição, são encontradas outras informações sobre a gripe, mais uma vez reafirmando que este era o acontecimento da vez.

Ao mesmo tempo, percebemos que a demanda por farmacêuticos, remédios e médicos era alta, já que por meio de outros periódicos podemos notar que havia falta de profissionais farmacêuticos e falta de medicamentos para a população. No dia 18 de outubro de 1918, mesmo período em que a edição de 23 de outubro foi produzida pela *D. Quixote*, a *Gazeta de Notícias* informava: “A D. G. de Saúde Pública está lutando com falta de farmacêuticos para os postos de socorros e delegacias de Saúde (...)”⁵⁴, mostrando que a situação já estava precária no Rio de Janeiro. Neste sentido, este texto da *Gazeta de Notícias* nos auxilia a refletir que esta desorganização estrutural foi consequência da falta de estratégias para combater a moléstia, pois são nestes momentos de crise que a má gestão de um governo é maior evidenciada. No artigo “Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro”, Adriana da Costa Goulart confirma nosso argumento, quando expressa que “muitas foram as deficiências das estruturas sanitárias e de saúde reveladas durante o período pandêmico”⁵⁵.

Desse modo, em tons de humor, mais uma vez no mesmo número, a *D. Quixote* utilizou dos assuntos recorrentes do período e mostrou o quanto a profissão farmacêutica era necessária. Francisco Guimarães, ilustrador frequente na *D. Quixote* e responsável pelo pseudônimo Romano, brincou com o fato de o limão ser usado como remédio nos tratamentos contra a gripe.

⁵⁴ *Gazeta de notícias*, 18 de outubro de 1918, p. 1.

⁵⁵ Goulart, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2005, v. 12, n. 1, pp. 101-142.

Imagem 5 - Influência da 'influenza'. *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918, p. 15.



Na ilustração acima, Romano brinca que a personagem Finota está noiva de um homem considerado um “partidão”. As expressões “bom partido” ou “partidão” significam que a pessoa é considerada uma boa candidata a noiva ou noivo, devido a sua situação financeira ou alguma outra qualidade de destaque. No caso da charge, como justificativa para tal afirmação, o homem da ilustração argumenta que ela se casará com um farmacêutico chamado Limoeiro. Este último comentário deve ter sido produzido pelo fato de que naquela época, as pessoas usavam limão como um remédio para a gripe espanhola, logo, o chargista utilizou o humor, visto que o limão não curava a espanhola. Além disso, o “Limoeiro” também é farmacêutico, uma profissão que estava em “alta” devido a necessidade desses trabalhadores prestarem seus serviços com a gripe, mas também por não ter tantos profissionais no mercado.

1.3 “Mas, afinal, a influenza, em que pé vai ela?”

Ocupando uma página inteira na edição de 23 de outubro, o texto “Ella...”, assinado pelo pseudônimo “João Qualquer”, chama atenção por trazer mais informações de como foi o

período epidêmico para os colaboradores da revista. A primeira frase do texto nos chama atenção por demonstrar que a epidemia havia se espalhado pela cidade, atingindo inclusive ele mesmo, pois o autor reflete: “Não é justo que a crônica escape da ‘hespanhola’ quando o próprio cronista não conseguiu escapar-lhe”⁵⁶, denunciando que também foi atingido pela doença, por isso precisava falar sobre ela.

Na mesma crônica, ele também aponta que muitas pessoas estavam passando pela situação de enfermidade, comentando: “Mas, afinal, a influenza, em que pé vai ela? pergunta o leitor, de nariz a escorrer abrindo os jornais reduzidos ao mais exíguo número de páginas. Vai assim mesmo como dizem as folhas, que são, bem ou mal, os únicos órgãos informantes que possuímos.(...)”⁵⁷. Podemos destacar que nesta edição, que o periódico conta com muitos anúncios, provavelmente por terem tido que reduzir sua produção. Ainda no texto do cronista, podemos destacar como a imprensa não era homogênea, mas sim o resultado do trabalho de diversas pessoas, que carregam consigo seus ideais políticos e suas opiniões que poderiam convergir entre si. Assim, destaco, segundo Nara Azevedo de Brito, que “os jornalistas registraram os dramas vividos pelos principais personagens da crise: a cidade e seus habitantes, que, de forma abrupta, viram seu cotidiano subvertido por epidemia tão avassaladora”⁵⁸. A autora nos ajuda a pensar que apesar de os jornalistas serem acostumados a viver e expressarem seus anseios sobre a guerra e outras doenças que atingiram o período. Por isso, Brito considera que a “espanhola representou um acontecimento singular, permanecendo na memória coletiva como tragédia sem par, sobretudo por ter transformado a morte em ‘problema social’ de proporções desmedidas”⁵⁹.

Todavia, Nara Azevedo Brito também mostra que a doença era uma incógnita para a medicina, visto que o próprio diretor de saúde defendeu na Academia Nacional de Medicina, em 11 de outubro, que a doença era apenas mais uma influenza, afirmando a benignidade da gripe⁶⁰. Este posicionamento vindo de uma figura que representa o cuidado com a saúde do país pode ter feito as pessoas, inclusive os meios de comunicação, a relativizarem aquele início de epidemia. Porém, a imprensa, assim como o restante da população, foi obtendo conhecimento da gravidade da espanhola à medida que as consequências foram surgindo.

⁵⁶ D. Quixote, 23 de outubro de 1918, p. 5.

⁵⁷ D. Quixote, 23 de outubro de 1918, p. 5.

⁵⁸ Brito, Nara Azevedo de. *La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, v. 4, n. 1, p. 12. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xsvqJXhWnJRwKBJxsxLfh6v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: setembro de 2024.

⁵⁹ Ibid., 1997, p. 13.

⁶⁰ Ibid., 1997, p. 19.

Deste modo, sobre o texto “Ella...”, o cronista que assinava como “João Qualquer”, indignado com o comportamento de outros jornalistas, denuncia: “E que diz, em suma, a imprensa? Diz que não há razão para pânico; que a epidemia, apesar de seu pan-domínio, é de caráter benigno, que o governo já tomou as providências mais urgentes etc”⁶¹. Ainda complementa: “E enquanto assim, acalma os seus assustados leitores, o jornal reduz as suas páginas a 3º e 4º parte do habitual porque os seus redatores, revisores, linotipistas, homens das máquinas estão espanholados”⁶². De fato, o que se deixa escapar por meio do autor é que parte da imprensa tentava demonstrar que a epidemia estava sob controle, mas ele denuncia que a situação era catastrófica, usando como exemplo que os próprios funcionários da revista estavam sendo alvejados pela moléstia.

Ademais, a crônica “Ella...” satiriza os ocorridos no Congresso Médico Sul-Americano, ocorrido no Rio de Janeiro, porque segundo o cronista, o congresso se inicia no momento de maior desorganização na cidade. “João Qualquer” argumenta que os sábios saíram de várias partes do mundo, trazendo consigo seus lápis aparados e seus *carnets* em branco a fim de aprenderem com os avanços da higiene e da medicina no país. Porém, ironiza “João Qualquer”: “Mas ah! Muito longe estavam os nossos doutos hóspedes de contar com a surpresa que o Rio de Janeiro, sempre gentil, lhes havia preparado! (...) DA FACILIDADE E RAPIDEZ COM QUE O RIO DE JANEIRO SE RECEBE E PROPAGA UMA EPIDEMIA”⁶³, confirmando mais uma vez que os conflitos já compunham aquele cenário devastador.

Já na coluna “Elegampsias”, o redator satiriza a condição dos sujeitos ricos e suas intenções na sociedade, com o objetivo de rir da maneira como os mais abastados viviam. Dessa forma, na edição de 23 de outubro, observamos a revista fazer humor com a condição dos ricos que foram atingidos pela doença. Desse modo, publicam um texto questionando a maneira como as vestimentas das pessoas nos enterros precisam seguir algumas normas de etiqueta, enquanto para o morto, não se coloca nenhuma regra de etiqueta. O autor que assinava como “Marquez de Verniz” brinca com o tema da morte, porque era um assunto recorrente no momento de publicação, já que a espanhola fazia inúmeras vítimas, além daquelas da própria guerra⁶⁴.

As publicações da coluna também serviram em determinados momentos para falar de figuras públicas, principalmente apontando descontentamentos sobre o posicionamento e/ou

⁶¹ D. Quixote, 23 de outubro de 1918, p. 5.

⁶² D. Quixote, 23 de outubro de 1918, p. 5.

⁶³ D. Quixote, 23 de outubro de 1918, p. 5.

⁶⁴ D. Quixote, 23 de outubro de 1918, p. 8.

atitudes delas. Podemos observar duas figuras em que os colaboradores teceram críticas no número de 23 de outubro ao prefeito do então distrito federal: “não foi atacado pela influenza, felizmente, o sr., doutor, Amaro Cavalcanti, Prefeito do Distrito Federal e cavalheiro muito conhecido em nossa sociedade. O Sr. prefeito não aspirou o micróbio da moléstia por viver sempre de nariz torcido”⁶⁵. O que se pode evidenciar, é que a revista tinha a possibilidade de fazer piadas dessas figuras da sociedade e, apesar do humor ou por causa dele, suas publicações envolviam críticas que devem ser consideradas, pois elas constituem aquele período.

Ainda utilizando-se do humor, a revista fala sobre os países que estavam em lugar de destaque naquele momento, de forma a colocá-los todos no mesmo texto:

Em um salão cosmopolita, entre senhoras:
-O dr. Americano do Brasil saiu tão à francesa...
-Ele veio aqui para inglês ver.
-Não está com a “hespanhola”?
Nesse momento tocou a banda alemã⁶⁶.

Assim, utilizando expressões conhecidas, a *D. Quixote* destaca os países França, Inglaterra e Alemanha, que estavam envolvidos na Grande Guerra, ao mesmo tempo em que fez referência à gripe espanhola. De certa forma, a guerra facilitou que a gripe chegasse a vários lugares no mundo, visto que por causa dela havia grande movimentação de pessoas pelos países. Segundo Brum, “embora se aponte que a guerra influenciou a propagação da gripe, também é adequado considerar que a gripe também influenciou a guerra – pois os fronts foram fortemente afetados e, por vezes, paralisados”⁶⁷. Logo, quando a *D. Quixote* junta esses assuntos, ela está se referindo ao que estava em “alta” acerca do período, ou seja, o que estava sendo comentado por todos em diversas partes do mundo.

Logo, podemos considerar que muito foi falado sobre a gripe, pois esse era o novo cotidiano daquelas pessoas. Isso fica evidente ao considerar que na edição de 18 de outubro de 1918, apenas uma página foi dedicada a pneumônica, enquanto apenas uma semana depois, em 23 de outubro do mesmo ano, a revista tinha capa e mais de 20 publicações acerca da gripe espanhola, evidenciando que a epidemia alcançou trágicas proporções no Rio de Janeiro.

Outrossim, diferente dos noticiários da época, a revista não trazia informações, como números de mortes, nomes das vítimas, condições dos hospitais, entre outras publicações consideradas “importantes” e encontradas na maioria dos periódicos. A *D. Quixote* se diferencia justamente por não mudar suas características principais, preocupando-se assim, em criticar e

⁶⁵ *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918, p. 8.

⁶⁶ *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918, p. 8.

⁶⁷ BRUM, 2021, p. 179.

parodiar até mesmo mediante a uma situação catastrófica. Não estamos afirmando que esse tipo de postura seja correto ou errado, mas de fato, é diferente a maneira como os acontecimentos chegam aos leitores da revista, pois estavam voltados a comentar as situações do cotidiano, mais do que os noticiar.

Neste sentido, na edição de 30 de outubro, eles publicam uma página repleta de piadas retiradas de revistas norte-americanas, pois afirmam que não irão aborrecer os leitores com o assunto recorrente de todos os dias, a influenza. Tal postura demonstra que seus leitores procuravam a revista principalmente por causa de suas piadas, talvez como uma forma de fugir da dura realidade vivida. Eles inclusive argumentam: “Bem precisam o leitor de um oásis, onde o seu espírito respire um ar mais puro, limpo dos micróbios assassinos. Mas por outro lado, onde encontrar na enlutada vida urbana motivos para sorrir?”, refletem, mas complementam “ainda bem que aqui temos à mão as últimas revistas norte-americanas”⁶⁸. Isto posto, podemos refletir sobre aquele momento, quando as pessoas estavam enlutadas e doentes, e se tornaria muito necessário o consumo de revistas como a *D. Quixote*, que trazia seu humor ácido para os leitores, sem deixar de refletir sobre os mesmos acontecimentos.

Assim, a revista pode ter sido uma importante ferramenta de distração para aquela sociedade, ao mesmo tempo em que suas críticas iam muito além das piadas, mas apontavam e denunciavam conflitos cotidianos. Neste capítulo, foi possível analisar que a profissão desses trabalhadores da imprensa, permitiu que eles fossem os porta-vozes sobre a epidemia no Brasil. Ao mesmo tempo, eles também colocaram suas vidas em risco, para trabalharem enquanto a doença assolava o Rio de Janeiro.

⁶⁸ *D. Quixote*, 30 de outubro de 1918, p. 9.

CAPÍTULO 2: Entre notícias horripilantes e conflitos: a vida carioca em colapso durante a gripe espanhola

2.1 Introdução

“Abre-se o jornal e da primeira à última página nada mais se encontra que notícias sobre a epidemia e as suas terríveis devastações. Um sujeito, depois de percorrer as folhas da manhã e da tarde, atira ao chão a última delas, exclamando em desespero: -Decididamente a imprensa açambarcou o gênero horripilante”⁶⁹, reclamou o texto publicado na *D. Quixote*, em 6 de novembro de 1918, sem assinatura de quem o escreveu. A partir deste texto, percebemos que o autor critica o fato de que os jornais só noticiavam sobre a gripe, quando ironiza que os periódicos parecem ter mudado de gênero, pois as notícias eram “horripilantes”, por serem sobre a doença e suas consequências. Percebe-se nestes escritos um posicionamento diferente a respeito da gripe. Se em outubro as edições da revista trouxeram inúmeras notícias sobre a espanhola, em novembro a produção mudou e as notícias voltaram a ser diversificadas. Ainda assim, veremos ainda neste capítulo que a gripe não afetou apenas a saúde da população, mas a economia, a política e todos os âmbitos da cidade.

Com relação à gripe espanhola, foi necessário fazer o exercício de não isolá-la da realidade que aquela população vivenciou, afinal, este não foi um acontecimento alheio ao cotidiano e podemos notar isto na própria produção dos colaboradores da *D. Quixote* de continuar publicando sobre outros assuntos e criticando a crise econômica e política que se instaurou no país. Neste sentido, alguns questionamentos surgiram a respeito do período. Os colaboradores da revista denunciaram como seu cotidiano foi afetado? Qual era o posicionamento destes homens de letras na *D. Quixote* e em outros periódicos? Deste modo, ao pensar nesta monografia, tornou-se importante considerar a gripe espanhola dentro de seu momento histórico, visto que não é nosso objetivo isolar a temática dos acontecimentos que ocorrem por consequência da doença.

Dessa maneira, tornou-se primordial observar as publicações deste cotidiano nas páginas da revista para além da gripe, analisando o que os colaboradores vivenciaram e denunciaram em relação à crise sanitária, econômica e política. Assim, refletiremos sobre o papel da imprensa, como também a importância desses trabalhadores da comunicação para expor os conflitos políticos e de classe, principalmente pela resistência destas pessoas por continuarem seu ofício em meio a uma calamidade pública.

⁶⁹ *D. Quixote*, 6 de novembro de 1918, p. 9.

2.2 Conflitos entre trabalhadores e políticos

“-Mais uma vez vamos ter os orçamentos desequilibrados! -Que diabo, te espanta? Querias, então, que no Brasil as obras não estivessem de acordo com os seus autores?”⁷⁰, expressava o diálogo escrito por um colaborador da revista, demonstrando seu descontentamento com a política do país. Durante uma epidemia, a saúde das pessoas é afetada. Contudo, este não é o único problema, visto que a epidemia potencializa setores da sociedade que já estavam em desordem. No Brasil, em 1918, os governantes e a população foram pegos de surpresa por uma gripe que não poupou prejuízos. Isto porque quando as pessoas são afetadas física e psicologicamente, reflete também na economia e na política, principalmente quando essas instâncias já vinham apresentando problemas, como é o caso do Brasil.

Podemos destacar que o governo não estava preparado para uma crise sanitária daquele porte e faltaram planos estruturais para manter o país em “ordem” e “progresso”. A calamidade foi tão grave, a ponto de os próprios médicos não saberem quais medidas precisavam ser tomadas com relação à saúde das vítimas. Logo, o que as notícias nos revelam é um total descontrole sanitário no Rio de Janeiro, que refletiu na falta de mão de obra preparada, falta de alimentos, falta de remédios, pessoas em quarentena, conflitos públicos e políticos. Adriana da Costa Goulart defende que:

Era necessário emoldurar a doença para torná-la compreensível e emocionalmente mais tolerável. Entretanto, nem a população, nem os serviços sanitários foram capazes de lidar com a violência imposta pela espanhola, que acabou instaurando um quadro de desordem pública. Isso porque não se tinha uma resposta positiva para dar à nova peste que recai sobre a cidade. Tal fato possibilitou o surgimento de um quadro de tensões sociais, criando uma atmosfera de medo, incompreensão e colapso social que se instaurou na capital federal⁷¹.

Assim, o conteúdo da edição de 6 de novembro de 1918 modificou-se em relação aos números anteriores. Notamos que, além das publicações sobre a gripe, os colaboradores do periódico trouxeram também inúmeras críticas sobre as falhas na gestão do então presidente Wenceslau Brás, como também evidenciaram problemas que foram desencadeados pela espanhola. É perceptível que a revista tentou fazer o exercício de continuar com sua característica de ser eclética. Todavia, a partir da análise desse material, podemos encontrar outros vestígios do que foi aquele período com relação a tensões na política e na economia.

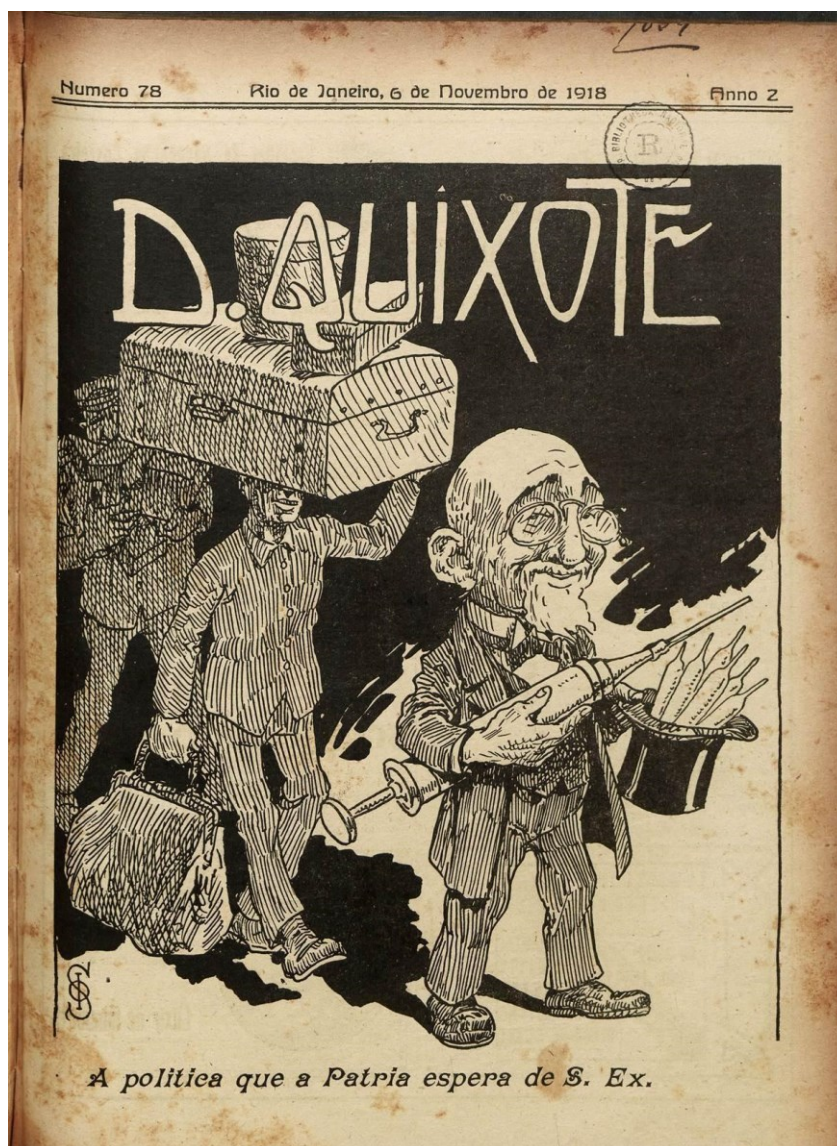
⁷⁰ D. *Quixote*, 30 de outubro de 1918, p. 18.

⁷¹ GOULART, 2005, p. 109.

Logo, é importante analisar essas circunstâncias para compreendermos como a epidemia afetou os trabalhadores da imprensa e os seus leitores.

Vamos à capa da revista de 6 de novembro de 1918:

Imagem 6 - Capa de 6 de novembro de 1918 da revista *D. Quixote*



A capa que traz a frase “A política que a Pátria espera de S. Ex.,” foi uma cobrança ao presidente em relação a uma vacina que contivesse a espanhola no Brasil. Juntamente com o texto, a imagem traz o presidente eleito do período, Francisco de Paula Rodrigues Alves, que assumiria seu mandato em novembro de 1918, segurando vacinas que estão em tamanho exagerado para ganhar destaque na ilustração. A caricatura de Rodrigues Alves segurando as seringas e a esperançosa legenda podem ter sido uma denúncia em relação à gestão do

presidente Wenceslau Brás, que governou o país entre 1914 e 1918. O então presidente estava em seus últimos meses de mandato, quando a epidemia chegou ao Brasil e esta capa apontou que, com relação à epidemia, provavelmente sua governança não agradou a população. Na ilustração, em segundo plano, podemos notar homens carregando as malas de Rodrigues Alves, representando que ele estava chegando para assumir seu cargo na presidência do Brasil.

Myriam Bahia Lopes, no artigo “Corpos ultrajados: quando a medicina e a caricatura se encontram”, fala sobre as caricaturas presentes em jornais e revistas ilustradas humorísticas. Lopes considera que a caricatura é responsável por exercer humor e ironia por meio de ilustrações sobre situações e pessoas de um determinado momento histórico, além disso a caricatura pode ser compreendida pelo leitor independente de sua legenda. A autora argumenta que isso acontece quando o ponto de vista exposto pelo chargista mobiliza a opinião pública⁷². Partindo da ideia proposta por Lopes de que “consideramos que a caricatura domina a arte da comunicação, transmitindo sua mensagem a todos os seus contemporâneos, com a vantagem de poder, inclusive, atingir os leitores iletrados”, podemos refletir que na capa destacada acima, pode ter ocorrido naquele período esta insatisfação pública predominante com o presidente Wenceslau Brás, principalmente pelo chargista considerar que toda a pátria estaria esperançosa por mudanças políticas vindas de Rodrigues Alves.

A partir dessa capa, podemos refletir também sobre o posicionamento do ilustrador em relação à vacina. Destaco ser possível que a esperança proposta no texto foi formada pelo histórico de Rodrigues Alves como presidente. Durante a primeira década do século XX, no Brasil, doenças como febre amarela e varíola assolaram a população carioca e intensificaram ações higienistas promovidas pela saúde pública. As ações dos denominados higienistas fizeram parte de projetos que visavam a reforma urbana, especialmente na capital. Rodrigues Alves foi um dos nomes de destaque nesse contexto de remodelação das zonas urbanas do Rio de Janeiro, pois essas políticas se intensificaram durante seu primeiro mandato como presidente, durante 1902-1906. Tais reformas oprimiram muitas pessoas que estavam às margens da sociedade.

Outrossim, foi no mesmo período entre 1903 e 1906, que ocorreu a revolta da vacina. O conflito começou a ser gerado pela insatisfação popular das pessoas menos favorecidas por terem sido despejadas de suas moradias e perseguidas pela polícia, além de terem se refugiado em áreas menos favorecidas da cidade, o que iniciou a formação de favelas e bairros periféricos.

⁷² Lopes, Myriam Bahia. *Corpos ultrajados: quando a medicina e a caricatura se encontram*. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 1999, v. 6, n. 2, pp. 257-275. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59701999000300002>>. Epub 19 Maio 2006. ISSN 1678-4758.

Além disso, o conflito se intensificou quando o médico Oswaldo Cruz propôs uma lei para que a vacinação antivariólica fosse obrigatória no Rio de Janeiro. Assim, a população já descontente com as determinações do governo resistiu contra este movimento de vacinação, participando ativamente contra a polícia e os agentes de saúde. Sobre a revolta da vacina, destaco que o conflito foi muito mais complexo que o panorama descrito acima. Ainda assim, tracei este diálogo com este momento vivido a fim de demonstrar que Rodrigues Alves já havia participado como presidente de um momento conflituoso, quando a vacina foi motivo de motim por parte da população. Contudo, em 1918, para o ilustrador da *D. Quixote*, o governo de Rodrigues Alves traz expectativas de uma possível vacina para combater a gripe espanhola, visto que o governo de Wenceslau Brás não conseguiu suprir as necessidades da população. Neste sentido, de acordo com Goulart: “a saúde pública era vista como vítima de politicagem desferida por ‘governos hipócritas’ que pleiteavam a revogação de leis sanitárias, desorganizando por completo a obra de Oswaldo Cruz, contribuindo para transformá-la em uma organização ‘burocrática e ilusória’⁷³. Na ilustração abaixo, o ilustrador fez uma referência aos sujeitos considerados criminosos, no qual a situação do país era tão grave, que nem eles tinham como “trabalhar”.

Imagem 7 - Entre Gatunos. *D. Quixote*, 23 de outubro 1918, p. 20.



⁷³ GOULART, 2005, p. 121.

A ilustração intitulada “Entre gatunos” mostra dois ladrões descansando e dialogando sobre o estado lastimável em que estavam, por consequência da doença. O humor foi gerado por eles não estarem doentes, mas não poderem cometer seus crimes porque a população estava em quarentena. Além disso, ao utilizar a palavra “operar”, entre aspas, o autor brinca com a profissionalização desses sujeitos considerados pelo ilustrador como criminosos, visto que na época o termo “gatunos” era utilizado para falar dessas pessoas que eram vistas pelos policiais e pela imprensa como vadias.

Ademais, ao analisar as edições da *D. Quixote* entre outubro e novembro de 1918, podemos perceber outro colaborador que destacou seu descontentamento com a maneira como Wenceslau Brás lidou com a epidemia. Telles de Meirelles, pseudônimo do poeta e jornalista humorístico Antônio Peres Júnior, publicou versos sobre o final do mandato de Brás:

Influência...
Do Wencesláu o tempo está contado;
vai acabar agora inteiramente.
-Wencesláu pescador, que foi pescado
Por um acaso, para Presidente!

E se não deu melhor o seu recado,
Podia ser pior, diz toda gente.
-Saudoso, entanto, eu acho do passado
Ao anzol voltará de antigamente.

Deste final, porém, do seu governo:
-Dantesco, horrível, pavoroso Inferno -
E que não pode nunca se esquecer.

Sempre o terá gravado na cachola;
E quando ouvir falar lingua *hespanhola*,
Há de por força, pálido, tremer!
Telles de Meirelles⁷⁴.

No poema acima, o escritor nos confirma que o governo de Wenceslau Brás passou por um momento de insatisfação popular, apesar de que a frase “podia ser pior” nos apontar que seu governo não foi totalmente insatisfatório. Entretanto, o fim de seu mandato, a partir da chegada da doença, pode ter desagradado boa parte da população. A historiadora social Adriana da Costa Goulart nos revela que no governo de Brás,

A escassez de verbas destinadas à saúde pública dificultava a implementação, o aparelhamento e a manutenção de instituições e projetos de saúde pública, contribuindo para a limitação dos socorros públicos durante a epidemia. O atendimento da população acabou dependendo, na maior parte do tempo, da

⁷⁴ *D. Quixote*, 6 de novembro de 1918, p.

iniciativa das esferas privadas: igrejas, escolas, clubes e a Cruz Vermelha Brasileira⁷⁵.

Portanto, podemos considerar que a população se via à mercê da própria sorte, já que o amparo governamental falhou com aquelas pessoas. Neste sentido, a posição de denúncia na qual os colaboradores da *D. Quixote* se colocaram revela a resistência dessa classe trabalhadora, que nos mostraram sua própria insatisfação, ao invés de apenas dados sobre a epidemia. Aliás, podemos constatar o descontentamento com as medidas tomadas pelo governo também na *Gazeta de Notícias*, quando o jornal evidenciou um possível embate entre o presidente e os trabalhadores da imprensa. Em 18 de outubro de 1918, encontramos:

A epidemia e a imprensa

Por determinação do Sr. presidente da República a Censura nos intimou, ontem, a não atacar mais o Sr. Carlos Seidl e o governo, nem publicar o número de casos fatais ou não causados pela epidemia de gripe. Dissemos, há dias, que o governo estava providenciando para debelar o mal e como se vê as duas disposições são cada vez mais enérgicas...Começam pela imprensa.⁷⁶

No texto acima, Wenceslau foi acusado de ter censurado a imprensa para que não publicasse sobre a espanhola e o então Diretor Geral de Saúde Pública, Carlos Seidl. É perceptível que isto pode ter corroborado para que o apoio de seu governo diminuísse drasticamente e que a revolta dos trabalhadores das letras se intensificasse também nas publicações dos jornais e revistas. A afirmação feita nesta monografia pode-se confirmar visto que a própria *D. Quixote* também publicou sobre esta censura:

-O jornal de X publica diariamente um número muito maior de óbitos do que os de fato, se deram.

-Explica-se; é que X inclue na estatística os seus próprios *cadáveres*⁷⁷.

Este diálogo mostra que os colaboradores demonstraram estar indignados com a censura do governo de Brás, principalmente por eles terem sido o meio pelo qual as pessoas se mantiveram informadas, ou seja, os funcionários dos periódicos se colocaram em perigo, trabalhando durante a epidemia, com risco de morte, e ainda sofreram retaliação por parte do governo. Ademais, estas publicações indicam que os periódicos mostraram a insatisfação da população com os serviços públicos durante a espanhola e, ao apontar esse sentimento dos leitores, acabou gerando tensões com os políticos.

Logo, é necessário compreender que em momentos de crise na saúde, tensões sociais são potencializadas. Adriana da Costa Goulart confirma nosso argumento sobre esses conflitos, ao evidenciar que

⁷⁵ GOULART, 2005, p. 109.

⁷⁶ *Gazeta de Notícias*, 18 de outubro de 1918, p. 1.

⁷⁷ *D. Quixote*, 6 de novembro de 1918, p.

(...) o evento epidêmico originou uma crise social e uma série de contestações às atividades políticas das elites, trazendo à tona o debate sobre os obstáculos impostos pelo modelo republicano ao exercício da governabilidade plena do Estado, da expansão de suas instituições e, conseqüentemente, da adoção de medidas sanitárias em larga escala.⁷⁸

Portanto, durante a gripe espanhola, o medo e a incerteza sobre o futuro podem ter potencializado este conflito entre sujeitos da imprensa e políticos, principalmente pelos atos do presidente Wenceslau Brás e do diretor da Saúde Pública Carlos Seidl, contra estes trabalhadores e contra toda a população. Logo, percebemos que os trabalhadores da imprensa foram resistentes à censura e à epidemia, eles lutaram a favor de sua classe e de seus direitos de expressão quando foram oprimidos. Ademais, suas contribuições enquanto resistência auxiliaram esta monografia a pesquisar sobre o cotidiano naquela época, pois é por meio destes sujeitos que temos a maioria das informações sobre a existência da epidemia e dos conflitos encontrados naquele dia a dia.

2.3 Economia: receitas para a cura da espanhola e a crise das galinhas

Em momento de epidemia, é comum que as pessoas fiquem desesperadas com a situação que estão vivendo, principalmente quando junto com a doença também vêm a crise financeira. O medo e a aflição são alguns dos sentimentos que podem compor o cenário de calamidade. Dessa forma, é comum que os sujeitos procurem meios para evitar a doença e para serem curados quando infectados. No Brasil, em meio a epidemia da gripe espanhola, era comum que jornais e revistas publicassem receitas que foram utilizadas pela população. Estas receitas, nem sempre eram vinculadas a algum estudo científico, mas sim a crenças populares. Alguns até tinham o respaldo médico, porém não passavam de tentativas para uma possível cura da influenza.

Diante disso, muitos comerciantes aproveitaram-se da situação para lucrar por meio da venda de produtos que prometiam curar a moléstia. Na imprensa, os jornais e revistas se tornaram abarrotados de receitas curativas e de anúncios de medicamentos que afirmavam serem eficazes contra a espanhola. A *D. Quixote*, entretanto, em diversos momentos caçou desses medicamentos e receitas, zombando dessas recomendações.

Em determinado momento, um dos redatores da revista, que assinava com o pseudônimo “Dr. Veiga Lima” ironiza as inúmeras receitas que se dispunham nos jornais e revistas para curar a espanhola:

⁷⁸ GOULART, 2005, p. 121.

RECEITA contra a ‘hespanhola’

Salitre 0,50

Carvão 0,50

Enxofre 0,50

Misture, toque fogo no pavio, e corra⁷⁹.

Nesta receita, o escritor pega elementos que foram vendidos como curativos, mas ironiza que isto poderia até explodir ao ser colocado fogo, diferente da função que atribuíam aos produtos. O exercício de “Dr. Veiga Lima” em caçar daquelas receitas, mostra que ele não acreditava nessas curas milagrosas espalhadas para as pessoas e talvez esta seja até uma denúncia sobre a falta de soluções científicas, visto que a ciência e os médicos não tinham respostas concretas sobre a gripe espanhola. Logo, a população precisou se apegar nestas receitas e na fé, pois a situação era catastrófica.

Em determinado momento, o “Dr. Cervantes”, um pseudônimo recorrente na revista, que teceu diversas críticas sobre a ciência e a medicina antes da epidemia, satirizou o uso do limão como medicamento. A fruta cítrica foi um dos mais recorrentes na utilização para a “cura” da doença, sendo utilizado até com pinga. A caipirinha, atualmente bebida alcoólica encontrada em bares e restaurantes, já foi considerada xarope pelos sujeitos do século XX, sendo usado limão, mel, cachaça e por vezes até alho em sua “receita”. O uso do xarope foi tão procurado que o preço do limão subiu exorbitantemente⁸⁰. Assim, conforme explica a historiadora Liane Maria Bertucci, “com a influenza ameaçando de morte cada vez mais pessoas, a união feliz da pinga com o limão (e o açúcar), além de tornar a existência mais alegre (...) trazia a promessa de manter a saúde e combater a doença (...)”⁸¹.

No texto de “Dr. Cervantes”, intitulado “Receitas para a cura da ‘hespanhola’”, ele inicia colocando em caixa alta “GRÁTIS PARA NOSSOS LEITORES”, fazendo entender que era um benefício que os leitores teriam acesso. Entretanto, contrastando com os receituários que circulavam entre a população, ele descreve que o leitor deveria deixar o limão galego dormindo por quatro dias e quatro noites no sereno, verificar se ele estava mesmo dormindo, depois fazer um furo no limão de 3 milímetros. Depois de amarrar um barbante no fruto do limoeiro, sugere-se ingerir o produto e após cinco dias e cinco noites, recomenda-se retirar o limão com o barbante e jogar no vizinho, com “cordão, micróbios e tudo”⁸².

⁷⁹ *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918, p. 8.

⁸⁰ Caipirinha um remédio popular para pandemia da gripe espanhola. *PFARMA* - Disponível em: <https://pfarma.com.br/blog/5341-caipirinha-remedio-gripe.html>.

⁸¹ BERTUCCI, 2020, p. 221.

⁸² *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918, p. 11.

É fato que o escritor estava fazendo piada sobre o uso do receituário, tanto que ainda ironiza “-Nota - o limão só deve ser usado, uma única vez, e depois desse tratamento é importante chamar o doutor”. A questão é que, por diversas vezes, receitas foram passadas e utilizadas para a população, principalmente as que tinham menos conhecimentos, promovendo lucro para os comerciantes. As pessoas que estavam naquela situação de medo e desespero acreditavam na cura, pois era a alternativa encontrada por elas. Além disso, quando o texto indica a importância de chamar um médico, pode ser uma maneira de o escritor apontar que as pessoas estavam beirando à loucura ao fazerem uso dessa receita. Então pode ser que elas precisariam de tratamento por estarem desesperadas por uma cura milagrosa. Portanto, segundo Bertucci,

Em São Paulo o Serviço Sanitário do Estado recomendava o ácido cítrico para gargarejos dos gripados, enquanto a população, ciosa de seu saber sobre espirros e tosses, buscava desenfreadamente na preciosa fruta alívio contra a terrível influenza⁸³.

Isto posto, neste período, a ciência e as ideias populares foram colocadas em evidência, mas o que podemos refletir é que de todas as formas, os que mais ganharam foram as empresas que comercializavam estes itens visando o máximo de lucros.

Ao analisar a *D. Quixote*, podemos perceber também durante a gripe espanhola a presença da crise econômica intitulada “Crise das galinhas”. Dentre os saberes populares, a canja de galinha também era vista como uma aliada no combate a doenças e no fortalecimento do indivíduo. Durante a epidemia, este alimento encareceu substancialmente, além da produção ter sido insuficiente para abastecer o comércio. Precisamos considerar também, que muitos dos comerciantes fecharam suas portas por causa da quarentena ou por terem sido infectados. Ao dissertarem sobre o Rio de Janeiro, Schwarcz e Starling explicitaram que:

Era também difícil achar ingredientes para a milagrosa canja que, diziam, ‘curava’ todos os males. Ovos custavam então o mesmo que as próprias galinhas, e por um único pão cobrava-se o valor outrora equivalente ao de uma cesta de pães. O limão, muito usado nas infusões, dobrou de preço. E a cidade passou fome⁸⁴.

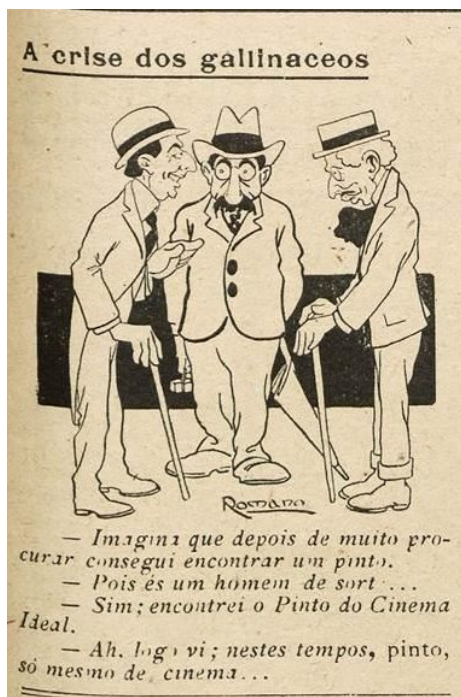
Desse modo, sabemos que a falta de alimento juntamente com um período de calamidade, gerou incontáveis tensões, principalmente nas pessoas mais atingidas pelos males. Na revista, nos deparamos com os colaboradores satirizando esta situação em diversos números.

⁸³ BERTUCCI, 2020, p. 216.

⁸⁴ 2020, p. 169.

Na edição de 30 de outubro, o ilustrador Romano brinca com a escassez desse alimento, que antes era presente no cotidiano:

Imagem 8 - A crise dos gallinaceos, por Romano. D. Quixote, 30 de outubro de 1918, p. 21.



Na ilustração, três senhores estão conversando, quando um deles comenta sobre ter conseguido encontrar um pinto. Todavia, o humor é gerado por ele ter visto a galinha no cinema, pois na realidade o animal estava em falta. Podemos notar pelas vestimentas dos senhores ilustrados, que a crise não atingiu somente as camadas mais pobres da sociedade, mas também pessoas da elite, mesmo não tendo o mesmo impacto que em famílias mais vulneráveis. Estas vestimentas ilustradas também podem remeter a um diálogo entre os próprios trabalhadores da revista, que sofreram com a crise. Uma semana depois publicaram:

As medidas tomadas pelo Commissariado com relação à venda das galinhas, consistiram em última análise no seguinte:

Antes da intervenção bulhonica a esposa do galo custava cinco mil réis; depois das medidas do Commissariado não houve mais dinheiro bastante para adquiri-la, pois o gênero desapareceu do mercado.

Estendesse o Bulhões a providência aos outros gêneros alimentícios e estaríamos todos fritos!

É canja, ó Fomessariado!”⁸⁵

⁸⁵ D. Quixote, 6 de outubro de 1918, p. 9.

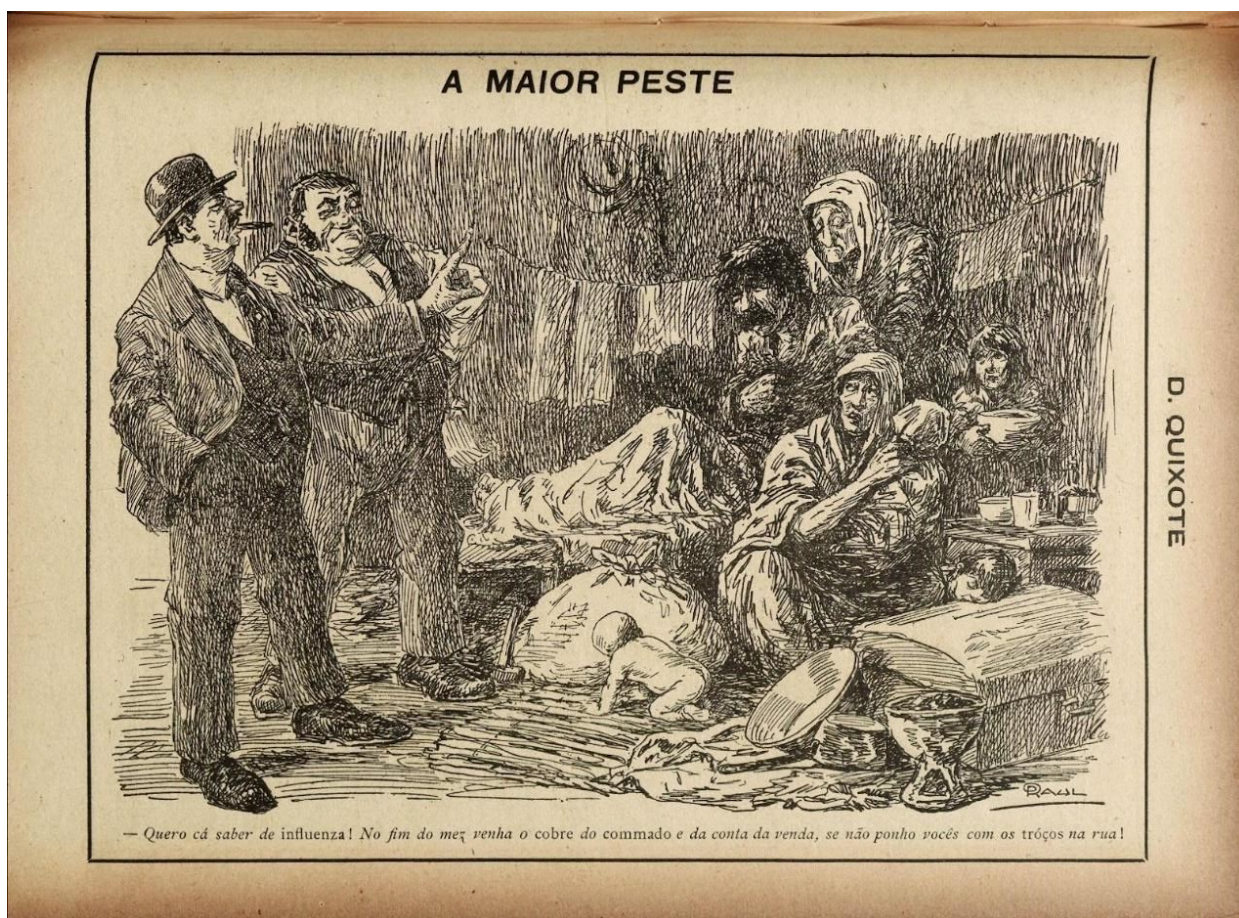
Estas denúncias sobre o estado econômico do Rio de Janeiro nos auxiliam a pensar na relação entre a falta de alimentos, a imprensa e o governo. Quando se tem uma crise desse nível, é comum que os jornalistas expressem suas opiniões e revoltas, já que vimos que os colaboradores da *D. Quixote*, em diversos momentos, exerceram este papel de denunciar as dificuldades provenientes dessa crise sanitária.

Ao mesmo tempo, percebemos que o posicionamento dos colaboradores da revista em todos os momentos da epidemia foi de apontar a dimensão da dificuldade que a doença gerou para os menos abastados, inclusive criticando a elite carioca e as próprias notícias de outros periódicos: “Dizem os jornais: ‘Os pobres não têm o que comer’. Isso já se sabe. Esperamos pela novidade dos ricos não terem também o que comer”⁸⁶. Ou seja, a crise causou tensões na própria imprensa, já que ela é constituída por pessoas que podem carregar concepções divergentes sobre uma determinada situação. Assim, a partir das publicações destacadas acima, podemos refletir que o ambiente produzia diferentes visões, mas a crise era constante naquele período e a *D. Quixote* traz inúmeros desabafos por meio de seus colaboradores, mesmo que estas publicações sejam em sua maioria semelhantes. Isto aponta o descontrole público provocado pela moléstia.

Na imagem abaixo, a revista aponta que essa era a maior peste, mas não somente pelos danos na saúde, como demonstra a ilustração, quando pessoas serão despejadas por não pagarem o aluguel:

⁸⁶ *D. Quixote*, 6 de outubro de 1918, p. 9.

Imagem 9: A Maior Peste, por Raul. *D. Quixote*, 1918.



O ilustrador, caricaturista, pintor, professor, teatrólogo, escritor brasileiro e compositor, Raul Paranhos Pederneiras, um dos nomes que mais assinou no periódico, ocupou toda uma página da *D. Quixote*, em sua ilustração sobre a epidemia. O desenho intitulado “A maior peste” mostra uma família recebendo a notícia de que seria despejada de sua moradia, caso não pagasse o aluguel no próximo mês. Nota-se que a família parece desprovida de recursos financeiros, pois aparecem na imagem com trajes simples e em um local simples. A partir da legenda, Raul Pederneiras denuncia a insensibilidade dessa elite brasileira, que pouco se importava com a situação econômica na qual a epidemia deixou as pessoas, pois eles, emaranhados pela lógica capitalista, visavam apenas os lucros financeiros. Neste sentido, nos apoiamos nos estudos de Goulart, pois ela considera que:

“uma epidemia é também uma construção intelectual que, uma vez realizada, tem sua própria história e vitalidade. A percepção da doença é modelada por analogias nas quais a interação entre ideias não ocorre apenas em uma direção, quer de mudanças biológicas, quer de respostas intelectuais ou políticas”⁸⁷.

Desse modo, quando nos propusemos a analisar as publicações da revista *D. Quixote*, tivemos o objetivo de explorar como foi produzida essa construção dos trabalhadores que viveram diante da insatisfação e do medo, mas que usaram de seu trabalho para expressar isto. Portanto, observamos que a revista trazia publicações muito semelhantes em opinião por parte de seus colaboradores. Ao mesmo tempo, eles traziam suas críticas e inconformidades em cada uma das publicações em relação à gripe espanhola. Assim, foram sujeitos que mostraram resistência em seu ofício, ao trazer os conflitos entre a própria imprensa, como também conflitos políticos e situações geradas a partir da crise econômica.

Por fim, destaco que a epidemia se estendeu, entre crises e conflitos, até janeiro de 1919. A partir de dezembro de 1918, podemos verificar um olhar esperançoso dos colaboradores da revista para o fim da mazela. Publicações sobre o declínio da epidemia foram ocorrendo gradativamente, à medida que o número de infectados diminuiu em relação a outubro e novembro. Rodrigues Alves, a “esperança” de um próximo governo, não chegou a assumir seu mandato, pois ficou doente e faleceu em 16 de janeiro de 1919, no qual a causa de sua morte até os dias atuais gera controvérsias pelos historiadores. A vida continuou para os sobreviventes da espanhola, inclusive para a revista *D. Quixote*, que permaneceu com publicações até 1926.

A partir deste estudo, foi possível compreender o olhar desses sujeitos trabalhadores da imprensa para uma crise sanitária, utilizando publicações que em sua maioria não foram analisadas anteriormente. Desse modo, foi possível contribuir com um material de análise que ajuda a entender as diversas facetas da gripe espanhola no Rio de Janeiro, visto que esta foi a maior epidemia do século XX.

⁸⁷ GOULART, 2005, p. 117.

CAPÍTULO 3: A imprensa como fonte no ensino de História

3.1 O ofício do professor: dilemas entre o ensino e pesquisa

Nos capítulos anteriores, exploramos as características principais da revista *D. Quixote*, bem como as experiências compartilhadas por seus colaboradores durante a gripe espanhola em 1918. A partir da análise das publicações deste periódico, traçamos um cenário sobre como o momento de crise influenciou o cotidiano daqueles trabalhadores da imprensa, o que permitiu que pudéssemos investigar alguns conflitos daquele período histórico gerados pelas escolhas políticas e sociais da classe trabalhadora e da elite no Brasil. Portanto, os capítulos 1 e 2 tiveram como objetivo a pesquisa histórica, utilizando como fonte principal as publicações da revista *D. Quixote*. A partir da investigação documental, fizemos uma análise das experiências compartilhadas pelos trabalhadores do periódico durante a gripe espanhola, a maior epidemia do século XX.

Todavia, este capítulo 3 foi pensado para encerrar esta monografia demonstrando que a pesquisa histórica deve coexistir junto ao ensino de história. Neste sentido, parto do pressuposto que o ensino de História deve ser produzido juntamente com a pesquisa, a fim de que o conhecimento seja explorado para além do âmbito acadêmico (universidades), a fim de permitir que os alunos do ensino básico e ensino médio também compreendam o processo de produção de uma investigação histórica, com o objetivo de torná-los sujeitos que pensem criticamente, ao invés de meros reprodutores de uma história contada por outras pessoas.

Assim, primeiro pretendo traçar abaixo qual é o cenário do ensino de história no Brasil contemporâneo, de modo a elencar alguns desafios que podem ser enfrentados pelos professores ao proporem atividades que vinculam o ensino à pesquisa histórica. Começo evidenciando que a disciplina História permanece nas bases curriculares do Brasil, mas tem sofrido desafios sociais, didáticos e políticos que ameaçam diariamente a sua permanência. No artigo “Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história”, Circe Bittencourt discute sobre os desafios enfrentados atualmente em relação ao ensino de história nas escolas. A autora identifica que as escolas estão disputando a atenção dos discentes com as mídias digitais, visto que o consumo midiático tomou a atenção das pessoas, a ponto de alguns professores terem modificado o formato de suas aulas e cedido aos aparatos digitais⁸⁸. Deixo evidenciado que não há problemas em apoiar-se em equipamentos e *softwares* que contribuam com o desenvolvimento das aulas, porém o foco necessita continuar sendo um aprendizado

⁸⁸ BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história. In: *O saber histórico na sala de aula*. 9ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004, p. 13-14.

formador. Atualmente, podemos notar que os alunos estão mais dispersos por causa do vício em telas gerado pelo uso excessivo de tablets, celulares, computadores e televisões. Por consequência, é um desafio propor atividades de aprendizagem que prendam a atenção dos estudantes.

Circe Bittencourt aponta que no cenário atual da educação os alunos estão adquirindo conhecimento a partir de um mundo capitalista, em que a tecnologia está acelerando o modo como olhamos para a história, onde rapidamente os acontecimentos se transformam em um “passado ultrapassado”⁸⁹. Logo, compreendo ser necessário elaborar propostas didáticas que explorem o passado de maneira minuciosa, introduzindo o olhar do estudante a pensar na construção do pretérito e do presente. Ainda de acordo com Bittencourt, “o momento atual tem propiciado a introdução de algumas reflexões sobre a necessidade urgente do ofício do historiador e do professor de História no sentido de evitar a amnésia da sociedade atual (...)”⁹⁰. Para isso, o uso da imprensa, fonte principal desta monografia, pode ser uma ferramenta necessária no ensino e aprendizagem de história. A partir das fontes, podemos aproximar os indivíduos do tempo passado, tirando-os de um estado de estagnação diante da sociedade em que vivem. Logo, precisamos propor atividades que estimulem o pensamento dos jovens, para fazê-los refletir sobre o cotidiano que os cercam.

Desse modo, proponho nesta monografia elaborar uma proposta didática que possibilite uma aproximação dos estudantes com a investigação historiográfica, contribuindo para um saber histórico crítico, levando os estudantes a explorarem o passado, como também obterem um olhar crítico sobre o tempo presente, pois eles são sujeitos que estão inseridos em uma sociedade em constante movimento. Destaco, segundo Circe Bittencourt, que

o ensino de história deve contribuir para libertar o indivíduo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos, para que possa entender que cidadania não se constitui em direitos concedidos pelo poder instituído, mas tem sido obtida em lutas constantes e em suas diversas dimensões⁹¹.

Posto isso, buscando o propósito de sermos professores que formam alunos capazes de olhar para a história de forma crítica e responsável, primeiramente foi e é necessário vislumbrar a realidade das escolas, dos estudantes e do ensino, para que possamos, enquanto docentes, ser agentes de transformação.

⁸⁹ BITTENCOURT, 2004, p. 14.

⁹⁰ 2004, p. 14

⁹¹2004, p. 20.

Os professores Sandra Cristina Schram e Marco Antonio Batista Carvalho fazem o exercício de avaliar sobre o papel social da escola no momento presente. No artigo “O pensar educação em Paulo Freire. Para uma pedagogia de mudanças”, a partir dos pressupostos freirianos, Schram e Carvalho apontam que, para ocorrer uma transformação na sociedade, é necessário haver práticas pedagógicas que incluam o cotidiano da população no ensino, já que para ocorrer essas mudanças, é preciso ensinar compreendendo a importância da participação dos alunos nesse processo⁹². Assim, no ambiente escolar, fica evidente que é preciso oferecer ferramentas aos discentes para que eles possam perceber-se como sujeitos históricos em seu cotidiano. Esta monografia considera que para desenvolver o plano de aula proposto abaixo, deve ser enfatizada a necessidade de trazer os alunos para sua própria realidade enquanto indivíduos históricos, pois assim, à medida que desenvolverem suas potencialidades, o estudo sobre o passado será mais eficaz, pois os estudantes, conscientes de sua existência, pensarão de forma crítica.

Neste sentido, amparo-me no artigo “Desafios e estratégias significativas do ensino de história”, de Luiz Carlos do Nascimento, para desenvolver minha proposta de plano de aula. Nascimento propõe que o ensino de história é parte fundamental no desenvolvimento da identidade dos indivíduos e é a partir dele que refletimos sobre o passado e o presente. O autor também estabelece uma crítica ao regime neutro e passivo do modelo tradicional de ensino de história, no qual os indivíduos apenas absorvem o conteúdo⁹³. Em conformidade com o autor, julgo ser necessário desenvolver uma abordagem metodológica exploratória, utilizando artigos, revistas, dicionários e impressos⁹⁴. Por este motivo, investigar com os alunos notícias, imagens e ilustrações de periódicos pode possibilitar uma vasta possibilidade de reflexões sobre passado, presente e futuro, auxiliando os sujeitos a desenvolverem o conhecimento histórico.

Desse modo, o nosso exercício, enquanto professores de história e pesquisadores, deve ser o de apoderar-se do uso das fontes documentais nas salas de aulas. Precisamos adequar nosso olhar e nossas atitudes para compreender que a sala de aula também é um lugar de produção de conhecimento. Dessa forma, faz-se necessário recorrer aos estudos de Paulo Knauss, no texto “Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa” para pensarmos em uma metodologia ao elaborar um plano de aulas. Knauss defende que, quando

⁹² CARVALHO, Marco Antonio Batista; SCHRAM, Sandra Cristina. *O pensar educação em Paulo Freire. Para uma Pedagogia de mudanças*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>. pp. 2-4.

⁹³ NASCIMENTO, Luiz Carlos do. Desafios e estratégias significativas do ensino de história. *RevistaFT*. Vol. 27 - Ed. 121/ABR 2023. ISSN 1678-0817 Qualis B2. Disponível em: <https://revistaft.com.br/desafios-e-estrategias-significativas-do-ensino-de-historia/>.

⁹⁴ NASCIMENTO, 2023.

os alunos e professores se posicionam no lugar de investigadores e produtores de conhecimento, constrói-se espaço para diálogos⁹⁵. O autor reflete sobre os usos paradidáticos diversas vezes anacrônicos e emaranhados de adaptações facilitadas, encontrados em editoriais que trazem documentos do passado. Ele defende que é importante trabalhar diretamente com a fonte documental. A partir disso, propõe metodologicamente como deve ser o uso dessa produção de conhecimento, utilizando documentos históricos em sala de aula:

Trata-se, assim, de fazer da construção do conhecimento uma produção humana, em que se instale a ruptura com o senso comum, a partir de bases racionais e científicas.

Dessa maneira, a metodologia implícita proposta para o ensino de História deve ser encaminhada na direção de indagar a construção do conhecimento de algum objeto particular, revelando a relação que os homens estabelecem entre si e o mundo que os circunstancia.

A metodologia deve se sustentar sob bases dialógicas, ensejadas pela animação docente, e na atividade de pesquisa e investigação, identificada com o processo de aprendizagem. O objetivo deve ser a construção de conceitos, possibilitadores da produção de uma leitura de mundo⁹⁶.

Portanto, a fim de cumprir este propósito metodológico em sala de aula, proponho levarmos os estudantes a mergulharem no passado por meio das publicações da revista *D. Quixote*, ao mesmo tempo em que pretendo propor reflexões a respeito do presente e do futuro.

3.2 Plano de aula: “Continuidades e discontinuidades durante períodos epidêmicos no Brasil”

Com base na discussão teórico-metodológica acima, proponho um plano de aula de história no qual pretendo desenvolver o uso da imprensa em sala de aula. Isto posto, proponho levar para a turma uma aula expositiva dialogada a respeito da Primeira República (1889-1930), explicando o contexto político e social para os estudantes. Nesta aula, introduzirei a temática sobre a gripe espanhola no Brasil, no qual pretendo pontuar as principais informações históricas sobre a temática: teorias sobre sua origem, a chegada da gripe no Brasil, as consequências para as pessoas que vivenciaram o período, a busca e o uso de medicamentos não científicos, as profissões durante a epidemia, entre outros.

Já na segunda aula, proponho levar aos alunos uma atividade de produção histórica, a partir de fontes documentais sobre a epidemia da gripe espanhola e a pandemia da COVID-19. Durante esta atividade, os alunos irão investigar semelhanças e diferenças entre os dois

⁹⁵ KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (org.). *Repensando o ensino de história*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 30.

⁹⁶ KNAUSS, 2001, p. 33-34.

processos históricos distintos, a fim de refletirem sobre alguns significados de uma epidemia como a gripe espanhola para aquela sociedade de 1918, ao mesmo tempo em que poderão compreender um pouco mais a fundo o processo vivido entre 2020-2022, durante a pandemia do coronavírus.

Isto posto, primeiramente precisamos adequar a proposta à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A partir de uma análise na BNCC sobre os conteúdos que devem ser desenvolvidos nas turmas de ensino fundamental, este plano de aula pode ser executado em turmas de 9º ano do ensino fundamental, na unidade temática “O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX”⁹⁷, quando será realizada a primeira aula, com fundamentos teóricos para a realização da atividade da segunda aula. Assim, de acordo com a BNCC, serão explorados os seguintes objetos do conhecimento:

- Experiências republicanas e práticas autoritárias: as tensões e disputas do mundo contemporâneo A proclamação da República e seus primeiros desdobramentos.
- Primeira República e suas características Contestações e dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930⁹⁸.

Deste modo, as duas aulas têm como objetivo geral identificar o contexto histórico político e social que se encontrava a gripe espanhola no Brasil, bem como as dinâmicas da vida social dos trabalhadores da imprensa brasileira. Outrossim, os objetivos específicos a serem alcançados ao longo das aulas são:

- Contextualizar o período republicano brasileiro, especialmente entre 1900-1920;
- Identificar processos de modernização urbana no Brasil durante o período republicano;
- Discutir as relações de poder durante a primeira república;
- Identificar a importância dos trabalhadores da imprensa para aquela sociedade;
- Perceber a resistência dos trabalhadores de imprensa e dos trabalhadores no geral durante a gripe espanhola;
- Compreender as lutas e conflitos ocasionados pela falta de estrutura durante a epidemia;
- Identificar processos de resistência mediante a calamidade pública;
- Discutir sobre o uso de remédios, chás e outras “curas” para a espanhola.
- Refletir sobre o as permanências e rupturas históricas a partir da epidemia da gripe espanhola (1918) e a pandemia do covid-19 (2020-2022).

⁹⁷ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. p. 428.

⁹⁸ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. p. 428.

Posto isto, objetivamos atingir as seguintes habilidades da BNCC:

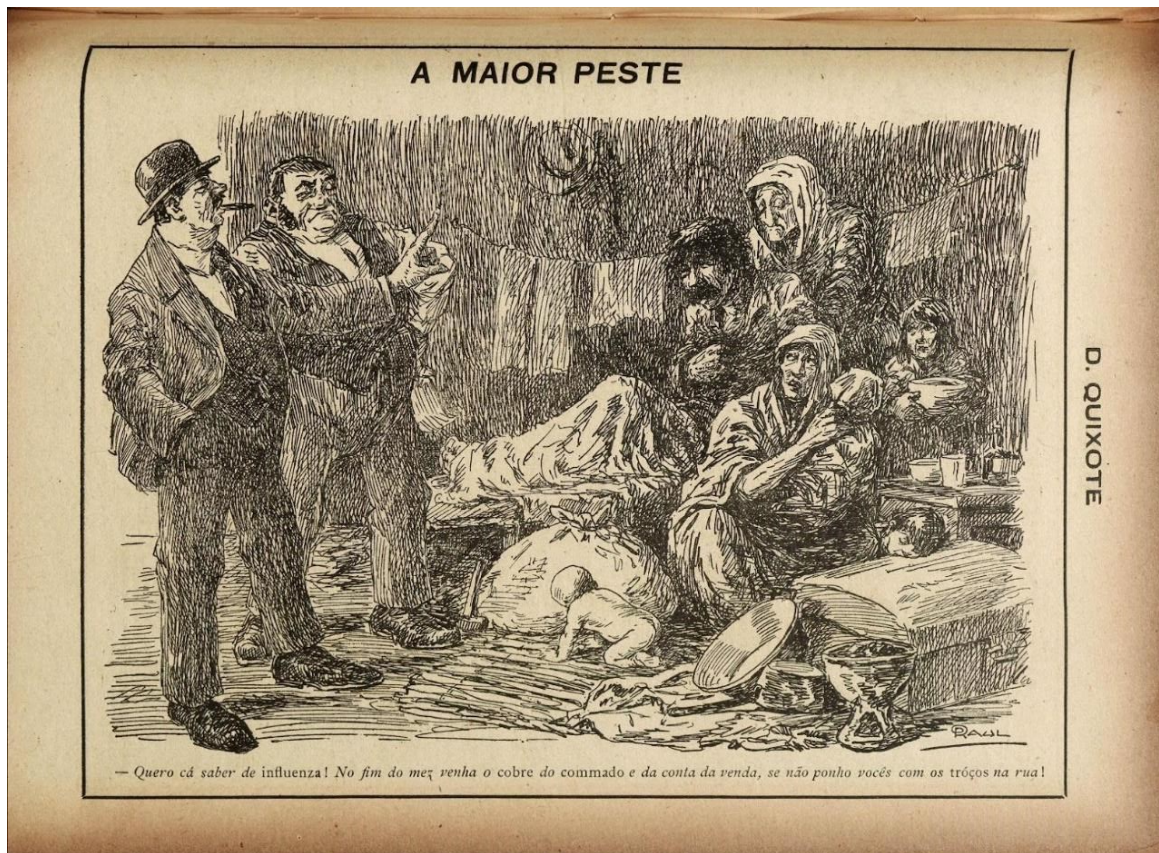
- (EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil;
- (EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954;
- (EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive;
- (EF09HI06) Identificar e discutir o papel do trabalhismo como força política, social e cultural no Brasil, em diferentes escalas (nacional, regional, cidade, comunidade)⁹⁹;

Para isto, a metodologia adotada para desenvolver a primeira aula é a expositivo-dialogada, propondo aos alunos participarem por meio do diálogo sobre o estudo desenvolvido. Nesta aula expositiva, pretendo fazer uso dos seguintes recursos didáticos: voz, quadro, pincel, projetor e *notebook*. Nos *slides*, trarei o conteúdo sobre a gripe e sobre a sociedade em formato de tópicos. Também para o desenvolvimento da primeira aula, pretendo instigar os estudantes com algumas possibilidades de debate: A situação da epidemia no Brasil foi gerada apenas pelo contexto da doença? Se não, quais fatores sociais contribuíram para as crises políticas e econômicas? Podemos perceber quem são os sujeitos mais atingidos em períodos de calamidade pública? Qual a situação dos trabalhadores neste contexto? Qual a posição das elites brasileiras nestes momentos?

Já o desenvolvimento da segunda aula será a partir da proposta da realização de uma atividade em grupos. Primeiramente, relembrei juntamente com os estudantes algumas características principais do período de pandemia da COVID-19. Os alunos formarão grupos de 4 a 5 pessoas e receberão impressas aleatoriamente quatro das seguintes fontes abaixo, com o objetivo de reconhecerem que as experiências em meio a situações de moléstias são recorrentes em livros, jornais, revistas e outros meios de propagar informações.

⁹⁹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. p. 429.

Imagem 10 -A Maior Peste, por Raul. *D. Quixote*, 1918.



“Um sujeito entra no Toscana e pede uma galinha.

-Não conseguimos obter hoje nem uma...

-Sim?

-É verdade, imagine que o patrão até foi para casa, com medo da freguesia...

(O proprietário do Toscana é o simpático e amável José Gallo)¹⁰⁰

“ELLA...”

¹⁰⁰ *D. Quixote*, 30 de outubro de 1918, p. 20.

Não é justo que a crônica escape da “hespanhola” quando o próprio cronista não conseguiu escapar-lhe.

Também ele amargurou o Rubinat e o Quinino, amargurou abençoando-os, é verdade, porque no amargor de ambos é que está a virtude curativa que os torna os desejados do momento. Mas, afinal, a influenza, em que pé vai ela? Pergunta o leitor, de nariz a escorrer, abrindo os jornais reduzidos ao mais exíguo número de páginas.

Vai assim mesmo como dizem as folhas, que são, bem ou mal, os únicos órgãos informantes que possuímos.

E que diz, em suma, a imprensa? Diz que não há razão para pânico; que a epidemia, apesar de seu pan-dominio, é de caráter benigno, que o governo já tomou as providências mais urgentes etc.

E enquanto assim, acalma os seus assustados leitores, o jornal reduz os seus redatores, revisores, linotipistas, homens das máquinas estão espanholados.

Não vê a imprensa que deste jeito só concorre ela pra aumentar o medo da população, tornando assim, o ambiente moral mais propenso ao desenvolvimento crescente da pandemia?

O que em nossa opinião devera a imprensa fazer era justamente o contrário: aumentar, duplicar, triplicar o número de páginas; não se ocupar de forma alguma com a “espanhola” suas pompas e suas glórias; encher de preferencias as suas colunas com assuntos alegres e hilariantes, como discursos constitucionalistas do senador Lopes Gonçalves, officios do ministro Maximiliano ou proclamações guerreiras do Reis Carvalho.

Além disso uns artigos sobre as vantagens do Comissionariado na vida nacional e boa dose do *Turfe* e do *Foot Ball* e aí tinha a população matéria para distrair a atenção das coisas tristes da morte para as coisas da vida que nem sempre são tristes.

Mas a imprensa fez, justamente o inverso; as poucas páginas que publica estão cheias das notícias mais alarmantes, pedindo calma. Os próprios telegramas sobre a guerra ficaram resumidos a um mínimo de serviço pobres e barato! E a paz?

Nem se quer a paz parece preocupar mais os condutores da opinião pública! Absorvente a tal influência espanhola!

Só nos resta apelar para o tempo que é o grande normalizador da vida. Ele virá, com os seus dedos hábeis e ágeis, pôr novamente as coisas todas nos lugares que lhes competem; inclusive o juízo de cada um, que (ainda a influencia doidivanas!) parece andar por aí a piruetar e a castanholar, ao som das *jotas* e das *malaguenãs*.

Falou-se a propósito da epidemia nas deficiências da nossa higiene oficial depois que tivemos a desgraça de perder Oswaldo Cruz.

Mas o que não resta dúvida é que um mérito temos nós; o da franqueza, o da sinceridade -pontos nos ii, pão-pão, queijo-queijo, - viveu às claras!

Agora, justamente que havíamos tocado ao auge da desorganização, da esbodegação, da Seidlisação, resolvemos reunir aqui, com toda solenidade, um pomposo e notável CONGRESSO MÉDICO SUL AMERICANO.

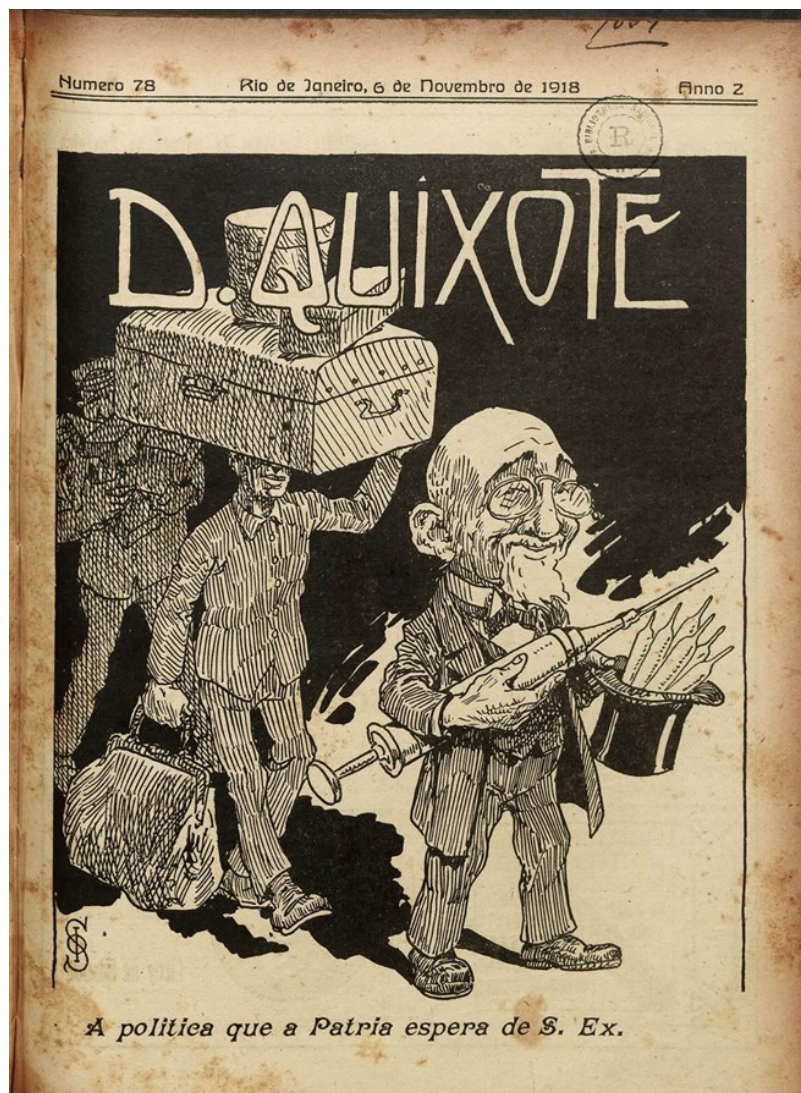
E sábios vieram de todo o continente com os seus lápis aparados e os seus *carnets* em branco para os apontamentos; vinham tomar notas, observações, sobre as novas conquistas da higiene e da medicina.

Mas ah! Muito longe estavam os nossos doutos hospedes de contar com a surpresa que o Rio de Janeiro, sempre gentil, lhes havia preparado!

Nada mais nem menos que esse número inédito e único que nenhum outro país do mundo estava em condições de fornecer tão flagrante e sensacional:

“DA FELICIDADE E RAPIDEZ COM QUE NO RIO DE JANEIRO SE RECEBE E PROPAGA UMA EPIDEMIA.”¹⁰¹

Imagem 11 - Capa de 6 de novembro de 1918 da revista *D. Quixote*, p. 1.



¹⁰¹ *D. Quixote*, 23 de outubro de 1918, p. 5

Imagem 12 - Capa da D. Quixote edição 76.. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1918, p. 1.

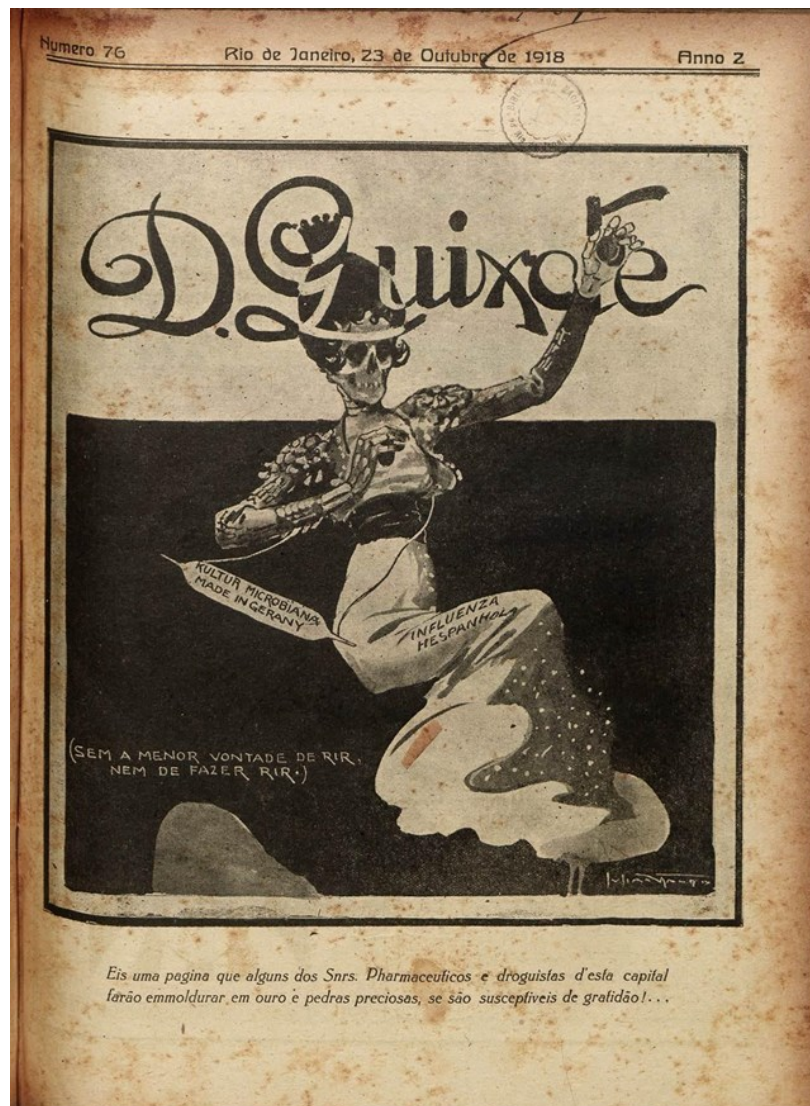


Imagem 13 - Curas para a gripe. D. Quixote, 27 de julho de 1921, p. 16.



Pandemia deixa 9,7 milhões de trabalhadores sem remuneração em maio (...). O distanciamento social provocado pela pandemia de Covid-19 deixou 9,7 milhões de trabalhadores sem remuneração em maio de 2020. Isso corresponde a mais da metade (51,3%) das pessoas que estavam afastadas de seus trabalhos e a 11,7% da população ocupada do país, que totalizava 84,4 milhões (...)¹⁰².

Pandemia tem influência no aumento do trabalho infantil, diz OIT (...). A pandemia de covid-19, o abandono escolar e a redução da efetividade de políticas do governo brasileiro de proteção social ou, até mesmo, a descontinuidade de algumas ações federais, entre 2019 e 2022, foram apontadas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), como as três principais causas para o aumento do trabalho infantil em 2022 no Brasil. A

¹⁰² GOMES, Irene. Pandemia deixa 9,7 milhões de trabalhadores sem remuneração em maio. *Agência IBGE Notícias*, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28038-pandemia-deixa-9-7-milhoes-de-trabalhadores-sem-remuneracao-em-maio>.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua sobre o Trabalho de Crianças e Adolescentes, divulgada nesta quarta-feira (20), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), revela que, no ano passado, 1,9 milhão de crianças e adolescentes com 5 a 17 anos de idade (ou 4,9% desse grupo etário) trabalhavam ilegalmente, no Brasil (...) ¹⁰³.

Imagem 14 - Um ano de pandemia: entregadores de aplicativo relatam piora em condições de trabalho ¹⁰⁴.

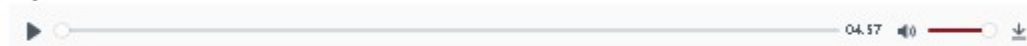
Um ano de pandemia: entregadores de aplicativo relatam piora em condições de trabalho

Trabalhadores afirmam que demandas de greve inédita de 2020 não foram atendidas e que taxas estão ainda mais baixas

Lu Sudré
Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 30 de março de 2021 às 07:00

[Leer en español](#)

Ouça o áudio:



"Por mais que as cabeças sejam diferentes, a ferida é universal. Os motocas estão todos feridos", desabafa entregador - Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil

¹⁰³ ALMEIDA, Daniela. Pandemia tem influência no aumento do trabalho infantil, diz OIT. *Agência Brasil*, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.etc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-12/pandemia-tem-influencia-no-aumento-do-trabalho-infantil-diz-oit>.

¹⁰⁴ SUDRÉ, Lu. Um ano de pandemia: entregadores de aplicativo relatam piora em condições de trabalho. *Brasil de Fato*, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/30/um-ano-de-pandemia-entregadores-de-aplicativo-relatam-piora-em-condicoes-de-trabalho>.

Como a fome deixa 19 milhões de brasileiros mais vulneráveis à covid-19: 'Não há sistema imune que resista'
"Quem quer que tenha sido o pai de uma doença, a mãe foi uma dieta deficiente", diz o médico Ribas Filho, presidente da Associação Brasileira de Nutrologia (Abran), em referência a um lema da nutrologia.

A falta de alimentos em quantidade e qualidade nutricional suficientes pode acarretar em crianças danos neurológicos, problemas de saúde mental, queda no rendimento escolar, diabetes, obesidade, hipertensão e maior vulnerabilidade a doenças infecciosas como a covid-19.

A fome, que crescia no Brasil na última década, acabou se agravando na pandemia. Em 2020, 19 milhões de pessoas viviam em situação de fome no país, segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da covid-19 no Brasil. Em 2018, eram 10,3 milhões. Ou seja, em dois anos houve um aumento de 27,6% (ou quase 9 milhões de pessoas a mais).

A Unicef (braço da ONU voltado para crianças e adolescentes) afirmou que, no mundo, "6,7 milhões de crianças menores de cinco anos podem sofrer definhamento (baixo peso para a altura) — e, portanto, tornar-se perigosamente subnutridas — em 2020 como resultado do impacto socioeconômico da pandemia de covid-19" (...) ¹⁰⁵.

Imagem 15 - Covid-19: Brasil volta a ser país com mais mortes diárias por covid-19 ¹⁰⁶

¹⁰⁵ MARTINS, Cristiane. Como a fome deixa 19 milhões de brasileiros mais vulneráveis à covid-19: 'Não há sistema imune que resista'. *BBC News*, 2021, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57055627>.

¹⁰⁶ Covid-19: Brasil volta a ser país com mais mortes diárias por covid-19. *BBC News*, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57585145>.

Covid-19: Brasil volta a ser país com mais mortes diárias por covid-19



Fiocruz aponta que 18 Estados e Distrito Federal estão com taxas de ocupação de UTIs acima de 80%, nível considerado crítico pela instituição; oito deles estão acima de 90%

23 junho 2021

Em meio ao avanço da terceira onda da pandemia, o Brasil ultrapassou a Índia e voltou à liderança do número de mortes diárias por covid-19 registradas, em média. São mais de 2.000 óbitos registrados por dia.

Para esta atividade, optei por retirar as fontes da própria revista *D. Quixote*, estudada nesta monografia, visto que a pesquisa desenvolvida anteriormente pode e deve ser utilizada em sala de aula. Além disso, fiz alguns recortes de notícias sobre a COVID-19, privilegiando situações que eram frequentemente noticiadas no cotidiano brasileiro durante a pandemia. Outrossim, estes materiais, retirados da imprensa brasileira, podem instigar os alunos a pensarem nas continuidades e discontinuidades presentes em diferentes tempos históricos quando houve um colapso na saúde pública.

A partir disso, os alunos analisarão as fontes documentais, sendo instigados a pensarem nos dois períodos de moléstia que atingiram o Brasil no século XX e XXI. Isto porque, segundo Anne-Emanuelle Birn e Gilberto Hochman, as pesquisas historiográficas têm constatado que as epidemias são processos tanto biológicos quanto sociais, logo, por serem períodos de

calamidade e fragilidade, refletem na desigualdade e injustiça presentes nas sociedades¹⁰⁷. Desse modo, os alunos serão estimulados a observar como as pessoas se comportam diante desses períodos de catástrofe, resgatando características sociais e culturais dos períodos históricos.

Por fim, destaco que todo o plano de aula permite avaliação, desde a aula expositiva-dialogada, como também a atividade que pretendo desenvolver, porque segundo Knauss, “(...) todo o processo passa a ser passível de avaliação, pois cada atividade de análise e interpretação de fonte pode resultar num exercício passível de avaliação e distribuição de notas (...)”¹⁰⁸, portanto, pretendo avaliar todo o processo formativo, considerando as indagações e a participação dos estudantes.

Destaco que esse plano de aula pode e deve ser modificado, pois ele é apenas um ponto de partida para pensarmos uma maneira de trabalhar fontes históricas e pandemias nas escolas. Além disso, cada professor precisa adaptar as aulas de acordo com a realidade enfrentada. Ainda assim, esta atividade pode ser feita com poucos recursos externos, pois o seu foco é que os alunos se vejam diante das fontes, que devem ser levadas impressas para a sala, para que a partir disso eles desenvolvam análises com a ajuda do professor. Ademais, as análises poderão ser escritas e apresentadas para o restante da turma, visando que todas as fontes sejam compartilhadas e dialogadas entre a turma.

¹⁰⁷ Hochman, Gilberto e Birn, Anne-Emanuelle. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. *Topoi* (Rio de Janeiro) [online]. 2021, v. 22, n. 48, pp. 577-587. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X02204801>>. Epub 10 Dez 2021. ISSN 2237-101X. <https://doi.org/10.1590/2237-101X02204801>. p. 581.

¹⁰⁸ KNAUSS, 2001, p. 41.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto da pesquisa desenvolvida acerca da revista *D. Quixote* durante a epidemia de gripe espanhola em 1918. Desde o princípio, o objetivo principal era investigar como os trabalhadores da revista lidaram com a epidemia, buscando em suas escritas e ilustrações apontamentos, resistências e lutas que existiram naquela sociedade. A investigação, que foi feita a partir da Hemeroteca Digital, privilegiou o periódico por ser uma revista ainda pouco explorada na História e que carrega muito material para ser explorado.

Na introdução, busquei apresentar as principais características da revista, interligando também seu criado Manoel Bastos Tigre e a obra de inspiração *Dom Quixote de La Mancha*. Optei por iniciar dessa forma para evidenciar a origem do periódico, pois a partir disso podemos perceber quais eram os objetivos dos colaboradores da *D. Quixote*, possibilitando maiores alternativas de compreender as publicações e aquele período histórico. Não foi um trabalho fácil investigar esse passado distante, principalmente por ser uma revista humorística, que trazia muita ironia em seu conteúdo.

Já no primeiro capítulo, busquei apresentar o contexto histórico da gripe espanhola no Brasil. Sempre amparada nas bibliografias do período, tracei uma análise sobre a situação da epidemia a partir das publicações da *D. Quixote*. Dessa forma, foi possível perceber a resistência dos trabalhadores da revista, que persistiram relatando seu cotidiano no mundo, mesmo com a ameaça de morte assolando a porta.

Deixei o segundo capítulo para uma análise mais abrangente do cotidiano, saindo da lupa de notícias sobre a gripe, para investigar as publicações que falavam sobre a consequência desta moléstia. Neste sentido, foi possível desenvolver uma análise sobre alguns aspectos apontados pelos colaboradores sobre o estado do Rio de Janeiro durante a gripe espanhola. Neste capítulo, analisei e apresentei o que os jornalistas da *D. Quixote* estavam dialogando com seus leitores, sobre política, crise econômica e esperança de tempos melhores.

O terceiro capítulo foi dedicado à exploração de questões relacionadas ao ensino de História, pensando em algumas possibilidades de juntar pesquisa e análise de fontes em sala de aula. Assim, explorei a necessidade de termos professores que pensem em levar pesquisas para seus estudantes, saindo do ensino engessado que somente faz uso dos livros didáticos. A partir do plano de aula, quis evidenciar brevemente que o ensino pode e deve coexistir com a pesquisa, visto que a partir do planejamento desenvolvido, pude mostrar ser possível alcançar este objetivo.

Adianto que este trabalho não esgotou todas as possibilidades de pesquisa sobre a epidemia nas páginas da *D. Quixote*. Aliás, pelo contrário, a partir deste estudo é possível pensar

em novos aprofundamentos e pesquisas que podem ser desenvolvidas futuramente tendo como objeto de pesquisa essa fonte tão rica em possibilidades para a historiografia.

FONTES

CERVANTES Saavedra, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*.

Don Quixote (1895-1903).

D. Quixote (1917-1926).

Gazeta de Notícias – RJ (1900-1919).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Daniela. Pandemia tem influência no aumento do trabalho infantil, diz OIT. *Agência Brasil*, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-12/pandemia-tem-influencia-no-aumento-do-trabalho-infantil-diz-oit>.

Acesso em: novembro de 2024.

BALABAN, Marcelo. *Instantâneos do Rio Antigo - Bastos Tigre*. Campinas, Mercado de Letras, 2003.

BERTUCCI, Liane Maria. Entre doutores e para os leigos: fragmentos do discurso médico na influenza de 1918. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2005, v. 12, n. 1, pp. 143-157. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/YRYyqmn8CT3rjdYpSQb3XCq/abstract/?lang=pt>. Acesso em dezembro de 2023.

BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*. Campinas, SP, 2002.

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de história. In: *O saber histórico na sala de aula*. 9º ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

BRANCATO, João Victor Rossetti; SILVA, Rosângela de Jesus. Retratando a peste no Brasil: imagens do passado, irrupções no presente. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 13, n. 30, p. 147-172. Dossiê: Pestes, quarentenas, pandemias e pandemônios: visões e visualizações da doença ontem e hoje / set./dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

Brito, Nara Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 1997, v. 4, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/xsvqJXhWnJRwKBJxsxLfh6v/abstract/?lang=pt>. Acesso em: setembro de 2024.

BRUM, Cristiano Enrique de. A pandemia como inimiga: a Grande Guerra e a gripe espanhola na imprensa ilustrada brasileira. In: KORNDORFER, A.P., ROSSI, D., BRUM, C.E.de, FLECK, E.C.D.(orgs). *Em tempos de pandemia: reflexões necessárias sobre saúde e doenças no passado e no presente*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2021.

- Caipirinha um remédio popular para pandemia da gripe espanhola. *PFARMA* - Disponível em: <https://pfarma.com.br/blog/5341-caipirinha-remedio-gripe.html>. Acesso em: julho de 2024.
- CARVALHO, Marco Antonio Batista; SCHRAM, Sandra Cristina. *O pensar educação em Paulo Freire. Para uma Pedagogia de mudanças*.
- COSTA, Carlos Roberto da. *A Revista no Brasil, o século XIX*. São Paulo: Alameda, 2007. p. 272.
- Covid-19: Brasil volta a ser país com mais mortes diárias por covid-19. *BBC News*, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57585145>. Acesso em: novembro de 2024.
- FERREIRA, André Condes; CAMESKI, Andrezza Silva. A imprensa periódica e a pandemia de 1918: as notícias sobre o comportamento da instrução pública durante a “gripe espanhola”. *Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023015, 2023. DOI: 10.20888/ridphe_r.v9i00.18337.
- FONSECA, Letícia Pedruzzi. *Uma revolução gráfica : Julião Machado e as revistas ilustradas no Brasil, 1895-1898*. – São Paulo: Blucher, 2016.
- FRAZÃO, Dilva. Miguel de Cervantes: escritor e dramaturgo espanhol. *eBiografia*, 2024. Disponível em: https://www.ebiografia.com/miguel_cervantes/. Acesso em: março de 2024.
- GOMES, Irene. Pandemia deixa 9,7 milhões de trabalhadores sem remuneração em maio. *Agência IBGE Notícias*, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28038-pandemia-deixa-9-7-milhoes-de-trabalhadores-sem-remuneracao-em-maio>. Acesso em: novembro de 2024.
- GOULART, Adriana da Costa. Revisitando a espanhola: a gripe pandêmica de 1918 no Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online]. 2005, v. 12, n. 1, pp. 101-142.
- Hochman, Gilberto e Birn, Anne-Emanuelle. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. *Topoi (Rio de Janeiro)* [online]. 2021, v. 22, n. 48, pp. 577-587. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X02204801>>. Acesso em: dezembro de 2023.
- KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (org.). *Repensando o ensino de história*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LAMARÃO, Sergio; URBINATI, Inaã Carvalho. Gripe Espanhola. *Atlas Histórico do Brasil - FGV CPDOC*. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/gripe-espanhola>. Acesso em: 16 de fevereiro de 2024.
- LOPES, Myriam Bahia. Corpos ultrajados: quando a medicina e a caricatura se encontram. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. 1999, v. 6, n. 2, pp. 257-275. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59701999000300002>>. Epub 19 Maio 2006. ISSN 1678-4758. Acesso em: outubro de 2024.
- MACHADO, Rodrigo Vasconcelos. O perfeito livro de cavalarias de Dom Quixote. XI *Congresso Internacional da ABRALIC Têxtil, Interações, Convergências*. USP – São Paulo, 2008.

MARTINS, Cristiane. Como a fome deixa 19 milhões de brasileiros mais vulneráveis à covid-19: 'Não há sistema imune que resista'. *BBC News*, 2021, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57055627>. Acesso em: novembro de 2024.

MOREIRA, Sandra Regina. Uma releitura do Quixote de Cervantes pelo Don Quixote de Angelo Agostini. *Anuario brasileiro de estudios hispánicos*, 9 (1999), 169-182. ISSN 0103-8893.

NASCIMENTO, Luiz Carlos do. Desafios e estratégias significativas do ensino de história. *RevistaFT*. Vol. 27 - Ed. 121/ABR 2023. ISSN 1678-0817 Qualis B2. Disponível em: <https://revistaft.com.br/desafios-e-estrategias-significativas-do-ensino-de-historia/>.

NOVAES, Aline da Silva. A imprensa na belle époque e a construção de um lugar de enunciação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

O que sabemos de fato sobre a vida de Miguel de Cervantes. *GHZ*, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/04/o-que-sabemos-de-fato-sobre-a-vida-de-miguel-de-cervantes-5783485.html>. Acesso em: março de 2024.

RODRIGUES, Evaldo Teles. Loucura e estigma à luz da obra Dom Quixote de La Mancha. Artigo - *Centro de Formação de Professores*, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2018. p. 16.

SCHERER, M. (2017). “No Rio de Janeiro é raro o homem de letras que não é jornalista” – imprensa e literatura de mãos dadas na belle époque carioca. *Miscelânea: Revista De Literatura E Vida Social*, 8, 46–59. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/647.p.2-6>. Acesso em janeiro de 2024.

SCHWARCZ, LM. STARLING, HM. *A bailarina da morte: a gripe espanhola no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; 2020.

SUDRÉ, Lu. Um ano de pandemia: entregadores de aplicativo relatam piora em condições de trabalho. *Brasil de Fato*, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/30/um-ano-de-pandemia-entregadores-de-aplicativo-relatam-piora-em-condicoes-de-trabalho>. Acesso em: novembro de 2024.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. *O Traço como Texto: a História da Charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930*. Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2001.